

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
CÂMPUS FREDERICO WESTPHALEN
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO – URI/FW**

**O DESENCANTO/ DESINTERESSE PELAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO MÉDIO**

GIANDNEY PAULO FAVIN

**FREDERICO WESTPHALEN
2019**

GIANDNEY PAULO FAVIN

**O DESENCANTO/ DESINTERESSE PELAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre, pelo programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, Campus de Frederico Westphalen.

Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Nogaro

**FREDERICO WESTPHALEN
2019**

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CÂMPUS DE FREDERICO
WESTPHALEN MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de Mestrado

O Desencanto/ Desinteresse pelas Aulas de Educação Física no Ensino Médio

**Elaborada por GIANDNEY PAULO FAVIN como requisito parcial para a obtenção do
grau de Mestre em Educação**

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Arnaldo Nogaró – URI / FW
(Presidente / Orientador)**

**Prof. Dr^a. Luci Mary Duso Pacheco - URI / FW
(1º arguidor)**

**Prof. Dr. Sidinei Pithan da Silva – UNIJUI
(2º arguidor)**

Frederico Westphalen, fevereiro de 2019.

Dedico este trabalho de conclusão aos meus
três amores, Fernanda, por ser esta esposa
incrível e que me encanta a cada dia, e aos
meus filhos, Matheus e Catarina, razões do
meu viver.

AGRADEDECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela sabedoria, coragem, força e conforto nos momentos mais difíceis.

Durante estes últimos anos muitas pessoas participaram da minha vida. Algumas já de longas datas, outras mais recentemente. Dentre estas pessoas algumas se tornaram muito especiais, cada uma ao seu modo, seja academicamente ou pessoalmente, e seria difícil não as mencionar.

Ao meu orientador Dr. Arnaldo Nogaro, pessoa pela qual tenho grande admiração e respeito, obrigado por guiar os meus passos com tamanha sabedoria neste período, pois quando necessário sempre foi atencioso e solícito, embora tivesse outros interesses a resolver, Prof^o. Arnaldo, obrigado pelos ensinamentos, atenção, amizade e dedicação.

Também, agradeço a todos os professores do Curso de Mestrado em Educação da URI/FW, que conseguiram compor esta trajetória através de seus ensinamentos e conhecimentos, foram à base para que hoje eu pudesse estar aqui, reconhecendo e agradecendo

Aos meus colegas de turma que, além de se tornarem amigos me ensinaram a conviver com pessoas diferentes a mim.

Aos meus pais Adão e Noeli, que me propiciaram uma vida digna onde eu pudesse crescer, acreditando que tudo é possível, desde que sejamos honestos, íntegros de caráter e tendo a convicção de que desistir nunca seja uma ação contínua em nossas vidas; que sonhar e concretizar os sonhos só depende de nossa vontade. Meus irmãos Angela e Esmael, por me incentivar e sempre acreditar nos meus sonhos.

A Fernanda, minha esposa, não tenho palavras para descrever o quanto és importante, amiga, companheira, batalhadora, fiel escudeira, grande incentivadora dos meus sonhos, mãe da nossa Catarina. Meu eterno obrigado, pelo companheirismo, amor, carinho e ajuda nos momentos mais difíceis.

Aos meus sogros Celito e Rosa, que sempre confiaram em mim e me deram força e incentivo para enfrentar todos os obstáculos enfrentados.

A todas as pessoas que de uma ou outra forma participaram e colaboraram para realização deste trabalho fosse possível.

“Pensar no amanhã é fazer profecia, mas o profeta não é um velho de barbas longas e brancas, de olhos abertos e vivos, de cajado na mão, pouco preocupado com suas vestes, discursando palavras alucinadas. Pelo contrário, o profeta é o que, fundado no que vive, no que vê, no que escuta, no que percebe (...) fala, quase adivinhando, na verdade, intuindo, do que pode ocorrer nesta ou naquela dimensão da experiência histórico-social. ”

(PAULO FREIRE

RESUMO

A investigação ora concluída como dissertação faz parte da linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação denominada Formação de Professores, Saberes e Práticas Educativas. O presente estudo discorre sobre alguns fatores que resultam no desencanto/desinteresse por parte dos alunos nas aulas de Educação Física do Ensino Médio e como isso está sendo encarado pelos educadores e educandos envolvidos neste processo. O referencial teórico do mesmo aborda sobre a Educação Física Escolar de nível fundamental, relatando um breve histórico da disciplina em questão, bem como algumas abordagens pedagógicas que podem ser empregadas nestas práticas. Expõe sobre a legislação que orienta e normatiza a inserção desta área no espaço da educação nacional, comenta sobre as perspectivas de uma proposta curricular e discorre sobre as habilidades e competências para essas aulas de Educação Física no âmbito escolar. Este também faz uma exposição, salientando a percepção de alguns autores sobre as desmotivações para com a participação nas atividades dessa área do conhecimento, buscando ofertar uma visão mais abrangente do tema objeto deste estudo. A pesquisa teve enfoque qualitativo, sendo instrumento de coleta de dados um questionário misto composto de 16 (dezesesseis) questões, aplicados a alunos devidamente matriculados no Ensino Médio em escolas de um município da região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e que participavam das aulas no Ensino Fundamental e que não participam das aulas de Educação Física atualmente no Ensino Médio. Desta forma, esgotando-se os métodos utilizados, podemos concluir que os alunos do Ensino Médio gostam das aulas de Educação Física, mas não a consideram um componente curricular importante. São necessárias, por parte dos professores de Educação Física, um sentido renovado acerca das práticas pedagógicas, que resultem na valorização da disciplina pela comunidade, bem como no sentido de legitimar esta área do conhecimento, elevando sua pertinência e valor como currículo escolar e ao mesmo tempo, buscando alternativas para introduzir o uso das tecnologias nas aulas, tornando-as mais atrativas e integradoras.

Palavras-chave: Educação Física. Desencanto. Ensino Médio. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The research now completed as a dissertation is part of the research line of the Graduate Program in Education called Teacher Training, Knowledge and Educational Practices. The present study discusses some factors that result in the disenchantment / disinterest on the part of the students in the classes of Physical Education of High School and how this is being faced by the educators and students involved in this process. The theoretical reference of the same one approaches on the Physical Physical Education of fundamental level, reporting a brief history of the discipline in question, as well as some pedagogical approaches that can be used in these practices. It discusses the legislation that guides and norms the insertion of this area in the national education space, comments on the perspectives of a curricular proposal and discusses the skills and competences for these Physical Education classes in the school context. This one also makes an exposition, highlighting the perception of some authors about the motivations for participation in the activities of this area of knowledge, seeking to offer a more comprehensive view of the theme object of this study. The research had a qualitative approach, being a data collection instrument a mixed questionnaire composed of 16 (sixteen) questions, applied to students duly enrolled in High School in schools of a municipality of the Northwest region of the State of Rio Grande do Sul and that participated in the classes in Elementary School and that do not participate in Physical Education classes currently in High School. Thus, exhausting the methods used, we can conclude that high school students like Physical Education classes, but do not consider it an important curricular component. Physical Education teachers need a renewed sense of pedagogical practices, which result in the appreciation of the discipline by the community, as well as in the sense of legitimizing this area of knowledge, increasing its relevance and value as a school curriculum and at the same time time, seeking alternatives to introduce the use of technologies in class, making them more attractive and integrative..

Keywords: Physical Education. Disinterest. High school. Elementary School.

LISTA DE SIGLAS

DCNs - Diretrizes Curriculares Nacionais

IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

LDB - Leis de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP- Projeto Político Pedagógico

URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

LISTA DE GRAFICOS

Gráfico 01 – Materiais, espaços e horários para a Educação Física.....	54
Gráfico 02 - Conteúdos Desenvolvidos nas Aulas de Educação Física.....	55
Gráfico 03 – Abordagens das Aulas de Educação Física.....	57
Gráfico 04 – A Percepção das Experiências nas Aulas de Educação Física.....	58
Gráfico 05 – O Relacionamento Interpessoal entre os Sujeito Envolvidos.....	59
Gráfico 06 – Motivações e Desmotivações para as aulas de Educação Física.....	62
Gráfico 07 – Aspectos da Participação nas Atividades Propostas em Educação Física	63
Gráfico 08 – Perspectivas com as aulas de Educação Física.....	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 HISTÓRICO E ABORDAGENS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA	18
2.1 Histórico da Educação Física Escolar	18
2.1.1 A Educação Física Escolar no Brasil	19
2.2 Abordagens Pedagógicas da Educação Física Escolar	22
2.2.1 Abordagem Higienista	23
2.2.2 Abordagem Militarista	24
2.2.3 Abordagem Escola Nova	24
2.2.3 Abordagem Psicomotora	27
2.2.4 Abordagem Construtivista	28
2.2.5 Abordagem Desenvolvimentista	29
2.2.6 Abordagem Critico Superadora	30
2.2.7 Abordagem Critico Emancipatória	32
2.2.8 Abordagem Sistêmica	33
2.2.9 Abordagem Saúde Renovada	34
2.2.10 Abordagem Educação Física Plural	35
2.2.11 Abordagem dos Jogos Cooperativos	36
3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A LEGISLAÇÃO	38
3.1 A Educação Física Escolar de Nível Médio	38
3.2 A legitimidade da Educação Física do Ensino Médio	41
3.3 A proposta curricular para a Educação Física no Ensino Médio	45
3.4. Habilidades e competências para a Educação Física do Ensino Médio	48
3.5 A Educação Física e sua inserção no espaço escolar	50
3.6 Aspectos da não participação nas aulas de Educação Física	53
4 ANÁLISE E RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO	56
4.1 A Educação Física no Ensino Médio: estrutura e metodologia	56
4.2 Educação Física no Ensino Médio: percepções e perspectivas	63
4.3 Aspectos da não participação nas aulas de Educação Física	69
CONCLUSÃO	72
REFERÊNCIAS	77

INTRODUÇÃO

Os professores de Educação Física vêm sentindo dificuldades com a não participação dos alunos em suas aulas, motivadas, muitas vezes, pelo conteúdo que não vem ao encontro da expectativa dos estudantes. A proposta de esportes no Ensino Médio não lhes proporciona interesse, por ser conteúdo já trabalhado em anos anteriores, no Ensino Fundamental.

O interesse dos alunos nas aulas de Educação Física Escolar é imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem e alguns elementos giram em torno desse fator, como as relações aluno/professor e aluno/aluno, o conteúdo das aulas e as metodologias utilizadas. De acordo com Darido e Rangel (2005) o movimento, sendo uma forma de interação humana, possui relação íntima das pessoas entre si e com o universo. As atividades físicas propiciam símbolos de comunicação não verbais o que facilita a integração aluno/professor, o que pode contribuir para o sucesso do processo de aprendizagem.

Porém, os alunos consideram as aulas de Educação Física Escolar as que mais os agradam, tanto no Ensino Fundamental, como no Ensino Médio. Segundo Frey (2007), isso pode ser explicado pela falta de conteúdo nas aulas práticas, ficando sem sentido para os alunos e também pela falta de conteúdo em aulas teóricas, que praticamente não existem, sendo assim, os alunos afirmam que embora as aulas sejam obrigatórias, elas são divertidas.

Almeida e Cauduro (2007) investigaram sobre Ensino Médio, e no seu estudo tinham como objetivo conhecer os motivos, pelos os quais, os alunos deste ensino mostram desinteresse pelas aulas de educação física escolar.

Sobre os conteúdos ministrados os alunos afirmavam que os mesmos não poderiam ser somente baseados em jogos, sendo necessário que os professores revisassem os objetivos que seriam alcançados em aula Almeida e Cauduro (2007) verificam que o relacionamento amistoso entre professor e aluno é importante, junto com o companheirismo. Os professores se viam como incentivadores e acreditavam que preparavam os seus alunos para a vida.

Os autores notaram que havia um comprometimento da escola com os alunos, mas o mesmo não foi percebido na relação entre professores e alunos. Sobre o desinteresse dos alunos, os autores percebem que ele aparece por alguns motivos como: as aulas serem em turnos diferentes; outras prioridades dos jovens nesta fase, como decidir o seu futuro; e a falta de compromisso de alguns professores que não aparecem para ministrar as aulas.

Ao longo do processo escolar os alunos geralmente presenciam aulas de Educação Física muito similares, quase sempre uma prática de esportes de maneira repetitiva. Onde as

aulas rotineiramente apresentam conteúdos que são os mesmos desde o início do Ensino Fundamental até o término do Ensino Médio. A repetição de conteúdos, as mesmas atividades nas aulas, são elementos que podem de alguma forma justificar o desencanto destes pela disciplina em questão. De acordo com Chicati (2000, p.103) “[...] Os mesmos conteúdos sendo ministrados todas as aulas podem fazer com que os alunos, que já não possuem tanto interesse pelas mesmas, os tenham cada vez menos, e os que se interessam, percam-no gradativamente”.

Os alunos quando estão enfadados com as mesmas atividades podem acabar se recusando a participar das aulas de Educação Física. Segundo Cruz de Oliveira (2010, p. 136)

[...] há também a existência de uma não aula na Educação Física escolar, pedagógica, sendo o espaço da aula caracterizada pela falta de aprendizagem, ausência de intervenção ou mediação um momento em que os alunos simplesmente jogam bola e o professor tem o papel de cuidar da organização das atividades definidas pelos alunos.

Ou seja, as aulas que deveriam vir ao encontro do desejo destes alunos e contemplar os diversos elementos da cultura corporal, jogos, lutas, ginásticas, entre outros, acabam por reforçar os valores que são predominantes na sociedade em que vivemos (competição, individualismo, concorrência etc.). A Educação Física Escolar deve possibilitar aos alunos o conhecimento sobre o movimento do corpo, contemplando as três dimensões: procedimental (saber fazer), conceitual (saber sobre) e atitudinal (saber ser). Podemos afirmar isso a partir das palavras de Zabala (1998), onde este ressalta que os conteúdos devem ser entendidos de acordo com a sua tipologia (conceitos, procedimentos e atitudes) independente da disciplina que compõe o currículo escolar. Os professores quando elaboram suas aulas englobando as três dimensões dos conteúdos existe uma maior relação na forma de aprender e de ensinar, melhorando a qualidade do ensino.

A partir deste conhecimento, o aluno estará apto a utilizar, todo o seu potencial para participar das aulas, sabendo como, quando e porque realizar atividades físicas. É primordial que a Educação Física Escolar consiga fazer com que o aluno entenda o que realmente está fazendo e não somente atuar nas aulas através da repetição de gestos motores.

Segundo Darido (2004, p. 64), “[...] justamente no período da transição do ensino fundamental para o ensino médio o afastamento dos alunos das aulas sofre um aumento significativo acentuando até o fim do ensino médio.” Portanto, quando alguns alunos chegam a esta etapa, buscam a não participar das aulas de Educação Física, por considerar que são monótonas e pouco atrativas. Entendemos por não participação dos alunos nas aulas aquele procedimento em que os mesmos estão presentes no local da aula, mas não participam do que é proposto pelo professor.

Com base em Jaco (2012, p. 44), “[...] não participar é estar fisicamente fora da atividade, ou seja, aquelas pessoas que ficam sentadas, ‘fugindo’ da aula, fazendo outras atividades que não são as solicitadas pelos/as professores/as”. Podemos dizer que o sistema escolar também contribui para que a Educação Física seja vista como um espaço menos rígido quando comparada às demais disciplinas escolares pois, é dada pouca importância às práticas corporais, ficando o professor da disciplina em questão responsável pelos alunos quando acontecem eventos que designam a presença dos demais colegas.

Desta forma, esta pesquisa teve como objetivo principal diagnosticar as razões que provocam este desinteresse/desencanto pelas práticas da Educação Física no Ensino Médio. A metodologia qualitativa utilizada na pesquisa, foi de suma importância para delinear e delimitar o tema pesquisado, uma vez que, no olhar de Fonseca, “a pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Processa-se através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção no real” (2002, p.20). É através destas informações que se busca analisar, resgatar e contextualizar a problemática anunciada.

Segundo Barbarán (1999, p.133): “O projeto de pesquisa é uma sequência que liga os dados empíricos aos problemas iniciais da pesquisa e as suas conclusões, ou seja, deve se ir de um conjunto de perguntas a serem respondidas a um conjunto de conclusões”.

De tal modo que uma das maiores dificuldades ao se iniciar uma pesquisa científica, é imaginar o resultado final. Entretanto, uma pesquisa devidamente projetada, exercida e concluída, não é um simples resultado dos estudos desempenhados, mas deve ser considerada como obra prima, que nasce da intuição do pesquisador e recebe a sua originalidade, tanto no modo de empreendê-la como no de comunicá-la.

Esta pesquisa envolve estudo de fenômenos sociais, desta forma utilizado o enfoque qualitativo, que é ferramenta metodológica, visto como uma teoria da pesquisa que apresenta grandes avanços na área. Na pesquisa qualitativa o método de investigação se foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando suas particularidades e experiências individuais, sendo que os entrevistados ficam livres para expressar os seus pontos de vista sobre assuntos que estejam relacionados com o objeto de estudo.

Desta forma, a utilização do enfoque qualitativo justifica-se na medida em que “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalizações de variáveis.” (MINAYO, 2001, p.14)

Na compreensão de Marconi e Lakatos (2011) a pesquisa qualitativa tem a preocupação em interpretar fatores mais intensos, descrevendo a complexidade do

comportamento humano, possibilitando a análise minuciosa sobre as atitudes, hábitos e tendências comportamentais

Em relação aos procedimentos técnicos, a pesquisa pode ser classificada em um primeiro momento bibliográfica, através da leitura de livros, revistas e artigos científicos. Já em um segundo momento ela, consiste em estudo de campo, realizada através de uma pesquisa, in loco, ou seja, no local onde ela ocorre realmente, coletando dados, analisando e interpretando, com base em teorias pré-existentes, com o objetivo de compreender e explicar o citado problema.

O questionário não constrangeu os sujeitos com perguntas ou atos vexatórios que pudessem possibilitar algum incômodo ou descontentamento ao objeto de pesquisa. Por isso, as perguntas realizadas foram contextualizadas e explicadas de tal forma que o sujeito pesquisado não se sentiu impossibilitado, constrangido ou retraído em responder as questões conforme sua convicção. Portanto, de forma alguma a pesquisa apresentou prejuízo aos sujeitos que tiveram a liberdade do consentimento em participar.

A coleta de dados da presente pesquisa consistiu-se através de questionários anônimos dirigidos aos vinte e três alunos do segundo e terceiro anos do Ensino Médio matriculados em escolas de um município região do Alto Médio Uruguaí do Estado do Rio Grande do Sul, que não participam regularmente das aulas de Educação Física, sendo que destes, dezenove retornaram o questionário respondido. Assim, a coleta, análise e interpretação dos dados possibilitaram a intenção de compreender a descrição da realidade vivenciada pelos alunos que não participam das aulas de Educação Física. Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizados os dados obtidos dos autores que discorrem sobre o assunto, bem como, através das respostas dos questionários enviados aos entrevistados.

No primeiro capítulo deste trabalho denominado “Histórico e Abordagens Pedagógicas da Educação Física” será abordado um breve relato histórico da Educação Física, onde referenciamos obras que nos remetem ao início desta disciplina. De acordo com o Coletivo de Autores (2009) esta tem seu surgimento na Europa, no final do século XVIII, através das Escolas Alemãs de Ginástica. Difundiu-se para América, chegando ao Brasil por volta de 1850, através da Reforma Couto Ferraz.

Com relação as abordagens pedagógicas explícitas neste capítulo, descrevemos sobre as que tiveram maior difusão, visto que atualmente vivenciamos várias abordagens do ensino de Educação Física, todas elas tendo em comum a tentativa de irromper com os modelos anteriores. Essas abordagens resultam da articulação de diferentes pensadores, que utilizaram de teorias psicológicas, sociológicas e concepções filosóficas. Embora contenham enfoques

diferenciados entre si, com pontos por vezes divergentes, muitas têm em comum a busca de uma Educação Física que articule as múltiplas dimensões do ser humano (BRASIL, 1998).

No segundo capítulo, “Educação Física Escolar e a Legislação” discorre sobre alguns objetos descritos na LDB (Lei de Diretrizes e Bases), lei que regulamenta a forma de como o ensino está inserido no Sistema Educacional Brasileiro através da legislação que lhe dá suporte. De acordo com a LDB, o esporte, de preferência não formal, de cunho educativo, deve também encontrar-se presente na escola. O que significa que os momentos dessa prática devem atender a todos os alunos, respeitando suas diferenças e estimulando-os ao maior conhecimento de si e de suas potencialidades (BRASIL, 1996).

Além da LDB, outro documento que regulamenta e dá suporte à Educação e suas disciplinas são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). De acordo com os PCNs, o Ensino Médio, enquanto etapa de uma educação de caráter geral, deverá estar afinada com a construção de competências que situem o educando como “sujeito produtor de conhecimento e participante do mundo do trabalho” (BRASIL, 1996, p. 22). Com relação à Educação Física no Ensino Médio, os PCNs indicam algumas propostas para o seu desenvolvimento orientando, de maneira objetiva, os profissionais da disciplina para que possam trabalhar de forma lúdica e educativa, permitindo que o aluno aprenda diferentes conteúdos, tornando-se um cidadão capaz de resolver diferentes situações da vida cotidiana.

No terceiro capítulo: “A Educação Física Escolar”, traz um aparato sobre os diversos questionamentos relacionados diretamente na realidade do espaço escolar do Ensino Médio. Dentre os quais verificamos o espaço físico destinado para as aulas práticas, bem como os materiais disponíveis para as referidas atividades e os horários ofertados para essas aulas.

Neste capítulo também destacamos os diversos conteúdos relacionados à disciplina em questão, de acordo como os PCNs, destacando-se dentre estes o jogo, o esporte, a dança, a ginástica, as lutas, as atividades expressivas e outras manifestações com características lúdicas. Porém, o foco da área, não deve estar relacionado apenas às habilidades e às competências para o esporte, mas sim para a ampliação dos conteúdos no âmbito da cultura corporal nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais. Zabala (1998) descreve que tais conteúdos tem a seguinte profundidade: "saber" (conteúdos conceituais), "saber fazer" (conteúdos procedimentais) e conteúdos que admitem "ser" (conteúdos atitudinais). Tais conteúdos possibilitarão o desenvolvimento dos educandos nos aspectos: cognitivo, afetivo, ético, corporal, estético, relação interpessoal e inserção social, de maneira consciente, crítica e democrática.

Num segundo momento foi objeto deste trabalho verificar a forma (modo/maneira) como são desenvolvidas as aulas de Educação Física, na percepção dos entrevistados, onde podemos constatar a realidade do contexto proposto pelos professores da disciplina em questão com maior objetividade.

Neste mesmo contexto, através de uma análise minuciosamente, investigou-se a relação interpessoal entre os envolvidos no processo ensino aprendizagem, verificando como esta relação dos alunos com o professor de Educação Física, bem como o relacionamento dos alunos entrevistados com os demais colegas de turma.

Por fim, buscou-se saber os reais motivos que levam os entrevistados a não participar das aulas de Educação Física regularmente, quais são os fatores que influenciam na decisão de praticar ou não as aulas e também alguns fatores e conteúdos que estes gostariam que fossem mudados com relação as atividades atuais propostas pelos professores.

Conhecer a forma como discorrem estes sujeitos, quais os conceitos atribuídos às aulas de Educação Física pelos alunos que não têm uma participação efetiva nas mesmas é um passo inicial que pode complementar estudos que abordam este tema. Este trabalho tem como objetivo diagnosticar as razões que provocam o desinteresse/desencanto pelas práticas da Educação Física no Ensino Médio.

Assim o presente estudo pretende contribuir para melhor compreensão dos desencantos que levam alguns alunos a não participar das aulas de Educação Física Escolar no Ensino Médio, visto que durante o Ensino Fundamental a praticavam.

2 HISTÓRICO E ABORDAGENS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

O início da Educação Física nos remete aos tempos do homem primitivo que necessitava desenvolver capacidades corporais com a finalidade de ganhar seus desafios, buscar seu sustento, etc. O famoso ditado em latim, proferido a séculos “*Mens sana in corpore sano*“, nos remete a importância de um corpo “são” como elemento fundamental de um indivíduo completo. A partir destas colocações, podemos ter uma noção de Educação Física ao longo da história. (COLETIVO DE AUTORES, 2009)

Ao mesmo tempo que a Educação Física esta inserida a séculos no cotidiano do ser humano, esta disciplina carrega consigo marcas de uma história excludente baseada na performance motora. Para melhor compreendermos o caminho trilhado pela Educação Física, buscamos descrever uma breve reflexão a respeito das abordagens pedagógicas mais utilizadas pelos professores. Segundo Freitas (2008, p. 31) possivelmente coexistam na atualidade, várias abordagens do ensino desse componente curricular, todas elas tendo em comum a tentativa de modificar a prática pedagógica mecanicista.

2.1 Histórico da Educação Física Escolar

A escola, enquanto instituição de ensino, sempre foi compreendida como sendo um lugar de transmissão dos conhecimentos e aprendizagens sociais. Ou seja, ela sempre esteve interligada a fatores externos, deslegitimando o seu poder e sua autonomia de produzir cultura, tornando-a meramente reprodutora e conservadora.

Desta forma, para que possamos entender e referenciar as concepções presentes hoje relacionadas aos conteúdos e a função da Educação Física dentro do âmbito escolar brasileiro, se faz necessário uma retomada histórica da construção deste conhecimento sistematizado e incorporado a essa instituição.

Porém, se faz necessário entendermos que a escola está inserida em um espaço amplo que é a sociedade e o mundo e, portanto, não se pode fazer uma análise do currículo construído ao longo dos anos desvinculando-o dos processos sociais e históricos. Com isso poderemos perceber como e porque surgem determinadas práticas pedagógicas.

De acordo com o Coletivo de Autores (2009, p. 34-35), no âmbito escolar, os exercícios físicos surgem através de jogos, ginástica, dança, na Europa do fim do século XVIII

e início do XIX, que constitui o espaço de surgimento de uma nova sociedade, a capitalista. A força física passa a ser uma forma de produzir riqueza. Assim, este novo formato de sociedade precisava de um homem que fosse forte, ágil. Para tal, os exercícios físicos passam a ser entendidos como “receita” e “remédio”. Assim, cuidar do corpo significa cuidar da nova sociedade, uma vez que correspondiam aos interesses da classe social hegemônica naquele período histórico,

Seguindo o pensamento de Coletivo de Autores (2009, p. 35):

A preocupação com a inclusão dos exercícios físicos nos currículos escolares remonta ao século XVIII com Guths Muths (1712-1838), J. B. Basedow (1723-1790), J. J. Rousseau (1712-1778) e Pestalozzi (1746-1827). Contribuiu para essa inclusão o surgimento, na Alemanha, das Escolas de Ginástica (Turnvereine) já no século XDC.

A partir desta inclusão, na forma de associações livres, Escolas de Ginástica alemãs difundem-se para outros países da Europa e da América, oportunizando a inclusão da ginástica, considerada como Educação Física, no ensino formal de todos os países que já dispunham de sistemas nacionais de ensino e escolas. Porém, é necessário ressaltar que esta prática não se destinava a uma população escolar, colocando-se, então, a necessidade de se elaborar adaptações e até novas propostas.

A partir da concepção de alguns renomados autores, dentre os quais podemos citar o sueco P. H. Ling, o francês Amoros e o alemão A. Spiess, com contribuições advindas também de fisiologistas como G. Demeny, E. Marey, médicos como P. Tissié e ainda professores de música como J. Dalcroze, surgem as primeiras sistematizações sobre os exercícios físicos denominadas de Métodos Ginásticos. Esses conseguiram aliar o ensino da ginástica ou Educação Física a oportunidade de um espaço de respeito e consideração da área perante os demais componentes curriculares. Dessa maneira, a Educação Física ofertada na escola começou a ser vista como importante instrumento de aprimoramento físico dos indivíduos que, capacitados pelo exercício físico, estariam melhor preparados para contribuir com o exército de sua Pátria, elevando a grandeza desta, bem como contribuir com o desenvolvimento industrial da época (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 35).

2.1.1 A Educação Física Escolar no Brasil

Para Teixeira (2003), a inclusão da ginástica no currículo escolar deu-se no ano de 1841, ao ser oferecida no Imperial Colégio de Pedro II no Rio de Janeiro. O objetivo principal

dessa instituição era a formação ampla do indivíduo, justificando a inclusão da ginástica, da esgrima e da música, dentre outras, em seu currículo.

Segundo bibliografia encontrada, a Educação Física teve seu início no país por volta de 1850, através da Reforma Couto Ferraz. Em 1854, a ginástica torna-se obrigatória no ensino primário e a dança, no ensino secundário. Embora a Reforma de 1821 recomendasse que a ginástica se tornasse obrigatória para ambos os sexos e também fosse oferecida nas escolas normais, essas leis foram implantadas somente na cidade do Rio de Janeiro e nas escolas militares (BETTI, 1991). Houve uma contrariedade por parte dos pais, em ver seus filhos praticando atividades sem caráter intelectual. Em relação às meninas, alguns pais proibiram a participação destas, já com relação aos meninos, tinha certa tolerância, uma vez que a ideia de ginástica se associava com as instituições militares

Em 1882, o grande polímata Rui Barbosa, deu seu parecer sobre o Projeto 224 – Reforma Leôncio de Carvalho, Decreto n. 7.247, de 19 de abril de 1879, da Instrução Pública -, no qual ideias como a inclusão da ginástica nas escolas e também igualar os professores desta área com os das outras disciplinas. Este também destacou e especificou o pensamento de que se ter um corpo saudável era importante para sustentar a atividade intelectual. Logo após, no início do século XIX, a Educação Física ainda sob o nome de ginástica, sendo incluída no currículo de alguns Estados como Bahia, Ceará e outros. Nesse mesmo contexto, a educação brasileira sofria forte influência do movimento da escola nova que evidenciou a importância da Educação Física no desenvolvimento integral do ser humano. (BRASIL, 1997).

A Educação Física ensinada nesse período era fundamentada nos métodos europeus, que se firmavam em princípios biológicos, referencial este que sustentava suas atividades. Esses faziam parte de um movimento mais amplo cuja preocupação com a inclusão dessa prática no currículo escolar surge no século XVIII no Ocidente, ocorrendo posteriormente a sistematização dos exercícios físicos em conteúdos denominados Métodos Ginásticos. Sendo assim, desenvolver fisicamente os indivíduos a partir de critérios científicos constituiu fator determinante para considerar e respeitar estas atividades no interior do sistema escolar. (COLETIVO DE AUTORES, 2009).

Na década de 30, no Brasil, ocorre o período da ditadura militar, momento de ascensão das ideologias nazistas e fascistas, dentro de um contexto mundial histórico e político. A Educação Física passou a ser mesclada aos objetivos patrióticos e de preparação pré-militar, que passou a ser comandado pela principal instituição, o exército. As aulas de Educação Física traziam os rígidos métodos militares e essas, portanto, foram instituídas basicamente em valores e normas próprias da instituição militar. A seleção da raça, fator relevante neste período, cedeu

lugar as finalidades de prevenção de doenças e higiênicas, sendo estas passíveis de serem desenvolvidas no contexto educacional, pois instituições militares, religiosas e educadores da “escola nova” compartilhavam muitos pressupostos.

No mesmo período citado anteriormente, grandes mudanças ocorriam no país: processo de industrialização, urbanização e o estabelecimento do Estado Novo. O momento da ditadura do Estado Novo ocasiona o auge da militarização da escola. É neste conjunto que a Educação Física tem novas atribuições: fortalecer o trabalhador para melhorar sua capacidade produtiva e desenvolver o espírito de cooperação em benefício da coletividade. (COLETIVO DE AUTORES, 2009).

Embora, na legislação fosse apontada a prática desta disciplina, ao mesmo tempo, tinha a falta de recursos humanos para este trabalho, impossibilitando sua efetividade prática. Somente com a elaboração da Constituição, em 1937, se faz a primeira referência explícita em textos constitucionais federais à Educação Física. Esta foi incluída no currículo não como disciplina e sim, como prática obrigatória, tendo como atribuições, segundo artigo desta, o adestramento físico, preparando os jovens para a defesa da nação, bem como para o cumprimento dos deveres com a economia. (BRASIL, 1997).

Um extenso debate sobre a Educação Brasileira ocorreu no período compreendido entre o final do Estado Novo, que coincide com o momento pós Segunda Guerra Mundial, até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em 1961. Nesta ficou determinada a obrigatoriedade no ensino primário e médio da Educação Física. Desta forma, se introduz o Método Desportivo Generalizado, caracterizando assim, o surgimento de outra tendência, fazendo predominar a influência do esporte, contrapondo os métodos de ginástica, adequando-o a objetivos e práticas pedagógicas. Essa predominância foi tão grande que, incorporaram-se os códigos/funções do esporte à instituição escolar, fazendo deste espaço um prolongamento da instituição esportiva. (VAGO, 1996).

Após o golpe militar em 1964, a educação passa a sofrer tendências tecnicistas, enfatizando a formação para o trabalho. Assim, com as Leis n. 5.540, em 1968 e em 1971 com a n. 5.692, a Educação Física de caráter prático e instrumental acaba reforçada, sendo considerada uma atividade voltada para o desempenho físico e técnico do aluno. Na década de 70, estreitaram-se os vínculos entre esporte e nacionalismo, pois mais uma vez o governo militar investiu na Educação Física para a manutenção da ordem e do progresso. Com o Decreto n. 69.450, em 1971, esta ficou considerada como “a atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando” (BRASIL, 1997. p. 21). Contudo a falta de especificidade neste, a aptidão física continuou tendo

ênfase na organização, controle e avaliação das atividades. O intuito era que se fizesse uma seleção de indivíduos aptos a participar de competições. Neste momento, as diretrizes para o ensino desta prática educativa eram norteadas pela melhoria da aptidão física da população urbana e pelo empreendimento na organização desportiva por parte da iniciativa privada. Assim, a partir da 5ª série, um dos eixos fundamentais era a iniciação esportiva, buscando a descoberta de jovens que pudessem participar de competições.

Na década de 80, aconteceu uma profunda crise nos pressupostos e no discurso da Educação Física, visto que o país não se tornou uma nação olímpica, nem tampouco aumentou o número de praticantes nas áreas desportivas. Desta forma, houve uma significativa mudança, no ensino relacionando a Educação Física. Anteriormente voltada apenas para as escolaridades de 5ª a 8ª séries, passou a priorizar os anos iniciais e também a pré-escola tendo como foco principal o desenvolvimento psicomotor, tirando a função de promover esportes de alto rendimento da escola. A criação dos primeiros cursos de pós-graduação em Educação Física, o retorno de professores doutorados de fora do Brasil, maior número de publicações em livros e revistas, aumento do número de congressos e eventos dessa natureza, contribuindo para que o campo de debates fosse mais explorado e difundido, bem como a busca de novas tendências para esta área. (BRASIL, 1997).

Passou a ser discutido as relações entre sociedade e Educação Física sob a influência das teorias críticas da educação: questionou-se seu papel e sua dimensão política, fazendo com que ocorresse uma mudança de enfoques. Quanto à natureza da área, se ampliou a visão puramente biológica, reavaliando e enfatizando dimensões psicológicas, cognitivas, sociais e afetivas, concebendo o aluno como um ser humano integral. Em um segundo aspecto, referente aos objetivos, conteúdos e pressupostos pedagógicos, abarcou-se objetivos educacionais mais amplos, conteúdos diversificados e pressupostos pedagógicos mais humanos, ao invés de puro adestramento, formação do físico, exercícios e esporte.

2.2 Abordagens Pedagógicas da Educação Física Escolar

A Educação Física Escolar, desde sua implantação como conteúdo básico obrigatório, vem passando por transformações em relação aos conteúdos que esta disciplina deve desenvolver nos espaços escolares nos diferentes níveis de ensino. Ao mesmo tempo, nota-se que várias tendências pedagógicas têm norteadas estas práticas.

Segundo Darido (2003, p. 14-15):

As abordagens pedagógicas da Educação Física Escolar podem ser definidas como movimentos engajados para renovação teórico-prática com o objetivo de estruturação do campo de seus conhecimentos que são específicos da Educação Física, caracterizam a representação de momentos históricos e políticos, modelos pedagógicos, enfim a forma e estrutura da educação física em ambiente escolar em diferentes momentos e contextos históricos.

Portanto, passaremos a uma breve caracterização de cada uma delas. Sabemos que a natureza de nossa pesquisa e o enfoque não tem como os objeto as abordagens e nem permite maior fôlego e profundidade, mas cabe fazer alguns apontamentos sobre as mesmas.

2.2.1 Abordagem Higienista

Na década de 30, século XX, a perspectiva higienista domina a Educação Física calcada nos hábitos de higiene e da saúde, objetivando, por meio do exercício físico, valorizar o desenvolvimento do físico e da moral (DARIDO, 2003).

Segundo Soares (2001, p. 69-70), “A Educação Física no Brasil se confunde em muitos momentos de sua história com as instituições médicas e militares.” A mesma acrescenta que no período de 1850-1930, essas instituições definem e marcam seu campo de conhecimento, sendo um importante “instrumento de ação e de intervenção na realidade educacional e social”. Ou seja, a Educação Física era vista como sinônimo de saúde física e mental, algo que pudesse regenerar a raça, as virtudes e a moral, a partir de um discurso higienista.

Por sua vez, Góis Júnior e Lovisolo (2003 p. 41) contrapõem a tese de que o Movimento Higienista, que chegou ao nosso país no século XIX, tenha encerrado sua influência nos meados de 1930 ou 1940, pois esse movimento esteve presente nas práticas corporais no século XX e, muito provavelmente, até os dias atuais. Os autores pautam-se na hipótese de que o Movimento Higienista do final do século XIX e início do século XX, no Brasil, é o mesmo movimento da saúde dos dias atuais, havendo somente uma adaptação dos seus objetivos em decorrência das modificações que ocorrem na sociedade.

Segundo Góis Júnior e Lovisolo (2003, p. 42):

Talvez o Movimento Higienista passou por apropriações e ressignificações, mas não se esgotou nos anos de 1930 ou 1940, particularmente no caso da realidade brasileira, porque as condições econômicas e sociais e os hábitos da população ainda incidem fortemente sobre sua saúde.

2.2.2 Abordagem Militarista

Outra abordagem marcante na Educação Física do nosso país que podemos citar é a militarista. Sua concepção era o “aperfeiçoamento da raça”, funcionando como atividade de “aceleradora do processo de seleção natural”, e tinha como princípios o homem adestrado e obediente, que teve como objetivos na escola, a formação de indivíduos capazes de suportar o combate, a luta, para atuar na guerra, selecionando a partir dessa ótica, indivíduos fisicamente “perfeitos”, excluindo os incapacitados, contribuindo para a maximização da força e o poderio da população (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 36).

Seguindo o pensamento destes autores, podemos analisar que nas quatro primeiras décadas do século XX, os “métodos ginásticos” e os profissionais que o ministravam, eram instrutores militares, visto que a Educação Física Escolar era atividade essencialmente prática, contribuindo dessa forma para não diferenciá-la da instrução física militar.

Segundo Azevedo e Malina (2004, p. 2):

A formação em Educação Física, no Brasil, origina-se nas escolas da Marinha e do Exército. Nessas instituições, o método alemão era oficialmente utilizado para a aprendizagem das atividades esportivas. Com o decreto 14.784 de 17 de abril de 1921, esse método foi substituído pelo método francês.

Segundo os autores, a Escola de Educação Física do Exército (EsEFEX) foi criada em 1933, na cidade do Rio de Janeiro, formando oficiais, sargentos e alguns civis para exercer o cargo de monitor. Em 1939, constituiu-se a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), em ambiente civil. Ainda, segundo os autores, nos estados do Espírito Santo, Pará, Pernambuco e São Paulo, funcionavam, na década de 30, cursos de formação na área, sem regulamentação e pautados no modelo dos cursos militares, que por sua vez se inspiravam no método francês para o ensino das atividades ministradas.

2.2.3 Abordagem Escola Nova

Posterior a preocupação principal com a saúde, com a melhora das valências físicas e aprimoramento motor, em tentativa de mudança e este cenário, surge o movimento americano

denominado Escola Nova. Como grande nome do movimento na América, citamos o filósofo e pedagogo John Dewey, filósofo norte americano influenciou a elite brasileira com o movimento. Para Dewey a Educação, é uma necessidade social. Por causa dessa necessidade as pessoas devem ser aperfeiçoadas para que se afirme o prosseguimento social, assim sendo, possam dar prosseguimento às suas ideias e conhecimentos. (HAMZE, 2016)

No Brasil, podemos citar Inezil Penna Marinho, professor de Educação Física e advogado, grande autor e ideologista educacional, que defendia a educação como forma de promoção integral do educando. Apontando insuficiências nos aspectos psicológicos do Método Francês de Educação Física, advogou por um ensino que se baseasse de modo prioritário nas “capacidades naturais”, nas aptidões dos indivíduos. (ANDRADE, 2017).

Darido (2003) diz que, nessa fase, há uma passagem, no discurso, da valorização do biológico para o sócio-cultural, embora, na prática, a Educação Física se mantivesse inalterada.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, outras tendências nascem no interior da instituição escolar. Destas podemos destacar o Método Natural Austríaco e o Método da Educação Física Generalizada, amplamente divulgados no Brasil. O esporte vai aos poucos se firmando em vários países, sob a influência da cultura europeia, como elemento predominante da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 37).

Tubino (1997) diz que as práticas esportivas no Brasil aumentaram sua abrangência a partir de 1920, por meio de algumas competições internacionais permeadas pelo intercâmbio com outras nações. Dito isto, podemos notas que nos Jogos Olímpicos da Antuérpia, pela primeira vez, o Brasil participou de competições internacionais e, mesmo com uma pequena delegação, o país conseguiu três medalhas na modalidade de Tiro.

Esse mesmo autor destaca a institucionalização do esporte no país através do decreto lei nº 3199 de 14 de abril de 1941, que estabeleceu as bases da organização dos esportes no Brasil. Com esse decreto, “[...] conclui-se que o esporte brasileiro foi institucionalizado no Estado Novo, sob a referência do controle do Estado, conforme afirma Manhães (1986), para que fosse estabelecida uma política esportiva para o país” (TUBINO, 1997, p.41).

A inclusão do binômio Educação Física/Esporte e o alto investimento dos governos militares nesta área tinham como foco principal fazer com que, por meio da Educação Física, o país alcançasse êxito em competições de alto nível, desviando, dessa forma, a atenção da classe estudantil sobre os episódios políticos que vinham ocorrendo. A frase mais conhecida dessa época é “Esporte é saúde”. (DARIDO, 2003, p. 13). Nesse período, várias mudanças acontecem na política educacional, atrelando o sistema econômico ao educacional. Na área escolar, inicia a subordinação aos esportes e sedimentação do sistema formador de recursos humanos para a

Educação Física e o Esporte. A Lei 5692/71, no artigo 7º, estabelece a obrigatoriedade da inclusão da Educação Física nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus e, posteriormente, o Decreto 69450/71 impõe que a “educação física, desportiva e recreativa” deve integrar como atividade escolar regular o currículo nos cursos de todos os graus de ensino (BETTI, 1991, p. 114).

Segundo o Coletivo de Autores (1992, p. 37), através da propagação dos esportes como conteúdo da Educação Física Escolar “as relações entre professor e aluno passam de professor-instrutor e aluno-recruta para a de professor-treinador e aluno atleta”. Nessa fase não existe a distinção entre o professor e o treinador, pois os professores têm que desempenhar, nos espaços escolares, a atividade desportiva. Daí a identidade da Educação Física escolar fortalecida pela pedagogia tecnicista.

Darido (2003, p.3), a esse respeito, diz que:

É nessa fase da história que o rendimento, a seleção dos mais habilidosos, o fim justificando os meios está mais presente no contexto da Educação Física na escola. Os procedimentos empregados são extremamente diretivos, o papel do professor é bastante centralizador e a prática uma repetição mecânica dos movimentos esportivos.

Esta prática da seleção pelos mais habilidosos está presente em nossa cultura até hoje. Nessa fase citada pela autora, por meio do trabalho dos professores que buscavam o alto rendimento do aluno-atleta, surgem várias pesquisas relacionadas à fisiologia do exercício, à biomecânica e à teoria do treinamento.

Para Betti (1991, p 16), o período compreendido entre 1980 a 1986:

Caracterizou-se por um questionamento da situação estabelecida nos períodos anteriores, pela situação de crise no setor educacional, e, por uma radical mudança de discursos e de referenciais conceituais na Educação Física, caracterizando uma verdadeira crise de identidade.

Darido (2003, p. 14) diz que, a partir desse modelo esportivista, surgem, no meio acadêmico, na década de 80, várias críticas a essa concepção, mesmo estando sua presença consolidada de forma quase hegemônica na sociedade. Apoiada nos conhecimentos da ciência, neste período a Educação Física, passa a ser valorizada. Vários fatores beneficiam a discussão e a valorização da área, dentre os quais podemos citar: questionamentos a respeito do objeto de estudo da Educação Física, a volta, para o país, de mestres e doutores que se formaram no exterior, as publicações científicas, a criação do primeiro curso de mestrado no ano de 1977, dentre outros.

De acordo com o autor acima citados, esses movimentos renovadores da área, considerados como “humanistas” na pedagogia apresentam como características princípios filosóficos em torno do ser humano, bem como a sua identidade, seu valor, contestando as correntes da psicologia comportamentalista, que informam a elaboração de taxionomias dos objetivos educacionais.

Ou seja, este não seria considerado um método, mas sim uma teoria geral do movimento que privilegia o estímulo ao desenvolvimento psicomotor especialmente a estruturação do esquema corporal e as aptidões motoras. Desta forma através do exercício poderá se desencadear mudanças de hábitos, ideias e sentimentos. (SAVIANI, 1987, p.68)

Ainda sobre o período, o Coletivo de Autores (1992, p. 38) diz que:

Nas décadas de 70 e 80 surgem movimentos “renovadores” na educação física. Entre eles destacam-se a “Psicomotricidade” com variantes como a “Psicocinética” de Jean Le Boulch (1978), que se apresentam como contestação à educação física por considerá-la ligada a uma concepção dualista do homem.

2.2.3 Abordagem Psicomotora

A psicomotricidade surgiu na década de 70 e objetivava o desenvolvimento da criança, com o ato de aprender, com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores, ou seja, buscava garantir a formação integral do aluno, utilizando os movimentos espontâneos. É importante salientar que a psicomotricidade é indicada não apenas para a área da Educação Física, mas também para psicólogos, psiquiatras, neurologistas, reeducadores, orientadores educacionais, professores e outros profissionais que trabalham junto às crianças (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 24).

Segundo Costa (2002, p.62):

A Psicomotricidade baseia-se em uma concepção unificada da pessoa, que inclui as interações cognitivas, sensoriomotoras e psíquicas na compreensão das capacidades de ser e de expressar-se, a partir do movimento, em um contexto psicossocial. Ela se constitui por um conjunto de conhecimentos psicológicos, fisiológicos, antropológicos e relacionais que permitem, utilizando o corpo como mediador, abordar o ato motor humano com o intento de favorecer a integração deste sujeito consigo e com o mundo dos objetos e outros sujeitos.

Esta abordagem valorizou o processo de aprendizagem e não apenas a execução isolada de um gesto técnico. As propostas da psicomotricidade, onde o aprendizado, a

consciência corporal é valorizada, favoreceria a participação de todos os alunos nas aulas de Educação Física independente de suas limitações (DARIDO, 2003, p.34).

Ou seja, a prática da Educação Física sob a influência da psicomotricidade remete o profissional da área à necessidade de sentir-se com responsabilidades escolares e pedagógicas. Este profissional deve buscar a valorização do processo de aprendizagem e não mais a execução de um gesto técnico isolado.

Segundo Daólio (2004) na década de 1980, ocorrem discussões a respeito da questão sociocultural na Educação Física a partir do aumento do debate acadêmico na área sobre o domínio biológico. Para o autor, os profissionais formados até essa época e talvez até mesmo nos dias atuais, foram e são privados de debates, na área da Educação Física, e de suas dimensões sociais. A esse respeito, o autor assim se refere:

O corpo era somente visto como conjunto de ossos e músculos e não expressão da cultura; o esporte era apenas passatempo ou atividade que visava ao rendimento atlético e não fenômeno político; a educação física era vista como área exclusivamente biológica e não como uma área que pode ser explicada pelas ciências humanas (DAÓLIO, 2004, p. 2).

Portanto, com todas estas mudanças, a crise de identidade da Educação Física levou muitos pensadores do assunto à reflexão sobre as relações entre a área e a sociedade, procurando justificar a sua utilidade e seu papel nas transformações sociais.

Segundo Betti (1991, p.11), “O conteúdo da Educação Física, assim como o de qualquer outra área de ensino, não é neutro. Ele é instrumento para a formação de um homem, com uma visão prévia de qual homem se deseja formar.”

Darido (2003, p. 4) apresenta várias abordagens que, segundo ela, coexistem na área da Educação Física escolar buscando uma ruptura com o modelo mecanicista, “fruto de uma etapa recente da Educação Física.”

2.2.4 Abordagem Construtivista

A partir desta valorização do ser humano e do processo de ensino aprendizagem abordado na psicomotricidade, um número considerável de abordagens pedagógicas na área foram propostas com intuito de contrapor-se aos modelos biológicos, tecnicista e voltados para

o esporte, os quais não permitiam a participação de todos os alunos nas aulas de Educação Física Escolar.

Desta forma, sob a influência da psicomotricidade, em 1989, João Batista Freire, propõe a abordagem denominada construtivista, proposta em oposição às linhas anteriores da Educação Física Escolar. Esta mostra a importância da Educação Física considerar o conhecimento motor e cultural que a criança já possui.

A disciplina deve resgatar a cultura de jogos e brincadeiras dos alunos, incluindo as brincadeiras de rua, os jogos com regras, as rodas cantadas, dentre outras atividades que compõem o universo cultural dos alunos. A abordagem construtivista propõe que as habilidades motoras sejam desenvolvidas num contexto de jogo e brincadeira, considerando o estágio de desenvolvimento da criança, desta forma possibilita, apesar de não haver referência direta à participação de todos os alunos, pois nesta abordagem as atividades podem ser planejadas e executadas dentro do padrão de desenvolvimento dos alunos (FREIRE, 1989, p. 35-40).

Segundo Darido (2003, p. 15) os autores desta abordagem defendem a ideia de que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física, propugnando a especificidade do seu objeto. Sua função não é fortalecer maneiras que possam facilitar a alfabetização e o pensamento lógico matemático, embora isto possa ocorrer de forma natural a partir da prática motora. Ao mesmo tempo, esta abordagem não busca solução para todos os problemas sociais através da Educação Física, mesmo podendo ocorrer outras aprendizagens em decorrência da prática das habilidades motoras.

2.2.5 Abordagem Desenvolvimentista

A abordagem desenvolvimentista, tem em Tani (1987), Tani et al. (1988) e Manoel (1994), seus principais idealizadores. As principais bases para os estudos dessa abordagem provêm dos trabalhos de Gallahue e Connolly, que apresentam um vasto estudo sobre os aspectos de desenvolvimento e aprendizagem motora da criança.

Através dos trabalhos destes autores podemos notar que nesta abordagem as aulas de Educação Física devem evidenciar a aprendizagem do movimento, pois, por meio dela é que os seres humanos se adaptam aos problemas que se apresentam no seu dia a dia, solucionando problemas motores. (DARIDO, 2003, p. 16),

Para Tani et al. (1988, p. 02):

A proposta explicitada por eles é uma abordagem dentre várias possíveis, é dirigida especificamente para crianças de quatro a quatorze anos e busca nos processos de aprendizagem e desenvolvimento uma fundamentação para a Educação Física Escolar. É uma tentativa de caracterizar a progressão normal do crescimento físico, do desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivo-social, na aprendizagem motora e, em função destas características, sugerir aspectos ou elementos relevantes para a estruturação da Educação Física Escolar.

Ela explica que, na abordagem desenvolvimentista “O principal objetivo da Educação Física é oferecer experiências de movimento adequadas ao seu nível de crescimento e desenvolvimento, a fim de que a aprendizagem das habilidades motoras seja alcançada” (DARIDO, 2003, p. 16).

Seguindo os pensamentos explanados por Darido (2003), estes autores recomendam que os conteúdos devem seguir uma ordem de habilidades, partindo das básicas para as mais complexas, sendo trabalhados numa sequência baseada no modelo de taxionomia do desenvolvimento motor, proposta por Gallahue (1982) e ampliada por Manoel (1994) nas diferentes etapas.

Para concluir sobre esta abordagem, Daólio (2004) corrobora dizendo que é importante que o profissional da área conheça os processos de desenvolvimento, crescimento e aprendizagem motora, como facilitadores de determinadas habilidades na aprendizagem dos alunos durante as aulas. Porém, torna-se imprescindível, que se considere a Educação Física como disciplina escolar e a escola como espaço e tempo de desenvolvimento de cultura, onde o trabalho da área possa garantir ao aluno conteúdos culturais, relacionados à dimensão cultural, como por exemplo: o jogo, a ginástica, a dança, a luta, o esporte.

2.2.6 Abordagem Crítico Superadora

A metodologia na perspectiva da abordagem crítico-superadora acaba por ser elaborada na Universidade Federal do Recife e na Universidade Federal de Santa Maria por um coletivo de autores composto por Carmem Lúcia Soares, Celi Nelza Zülke Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht, baseada nos pressupostos da pedagogia histórico crítico de Dermeval Saviani e colaboradores. (FREITAS, 2008, p. 13)

Em termos gerais, a abordagem supracitada,

[...] Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificadas como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criados e culturalmente desenvolvidas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 39).

Portanto é fundamental para esta abordagem que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Este necessita perceber que essas atividades corporais foram estabelecidas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas, ou seja, o aluno não deve ser um mero reprodutor e sim participe do processo educacional.

Segundo Darido (2003, p. 19) esta abordagem pedagógica refere-se, ao projeto político-pedagógico, explicitado na possibilidade de ser político ao encaminhar propostas de intervenção em certa direção, e pedagógico, ao favorecer a reflexão sobre a ação dos homens na realidade.

A seleção dos conteúdos nesta abordagem devem ser assuntos da cultura corporal brasileira que tenham relevância social e ao mesmo tempo temas atuais com características sócio cognitivas, ou seja, que estes conteúdos se adaptem aos níveis de crescimento e desenvolvimento do aluno. Estes devem principalmente, ampliar o nível de conhecimento, não só nas atividades práticas, mas no confronto com dados da realidade, pois grande parte destes conteúdos não é oportunizada para essas crianças.

Darido (2003) diz, ainda, que os estudiosos da abordagem crítico-superadora sugerem que se evite o ensino por etapas, contrariando dessa maneira, o trabalho realizado por meio de pré-requisitos.

Podemos verificar que esta abordagem, contesta à perspectiva tradicional da Educação Física, pois diz respeito ao estabelecimento da cultura corporal como objeto de estudo da Educação Física. Observamos isto nos dizeres de Daólio (2004, p. 31):

Assim, as várias manifestações corporais humanas, em vez de serem tomadas como conteúdos tradicionais estanques da área – ou, como vimos na abordagem desenvolvimentista, como estímulos, expressões ou auxílio para o desenvolvimento motor – devem ser vistas como construções históricas da humanidade.

As seleções dos conteúdos a ser utilizados remetem à necessidade de organizá-los e sistematizá-los, fundamentados em alguns princípios metodológicos, confrontando a contraposição de saberes, que corresponde ao paralelo entre o senso comum e o saber científico

para a reprodução do pensamento. Estes não devem ser tratados por etapas, mas sim com a terminalidade ao conteúdo.

2.2.7 Abordagem Crítico Emancipatória

A abordagem crítico-emancipatória tem como principal idealizador Elenor Kunz. Essa abordagem tem como base a teoria sociológica da ação comunicativa, idealizada por Jürgen Habermas, e a tendência educacional progressista crítica. (LARA et al., 2007).

Segundo Daólio (2004), o movimento deve ser interpretado como um diálogo entre o ser humano e o mundo, uma vez que é pelo seu “se-movimentar” que ele percebe, sente, interage com os outros, atua na sociedade.

O autor diz ainda que esta abordagem visa abranger as intenções da Educação Física Escolar, com intuito de reverter a imagem do esporte voltado apenas para o alto rendimento e tem por objetivo a formação de sujeitos críticos e capazes de transformar a realidade em que estão inseridos, por meio de uma educação de caráter crítico e reflexivo. As aulas devem ser abertas aos interessados, apontando claramente a possibilidade de participação de todos.

Para que esta seja fundamentada e desenvolvida Kunz (1998, p. 16), cita que são necessárias três competências básicas:

- 1) A competência objetiva, que visa desenvolver a autonomia do aluno através da técnica;
- 2) A competência social, referente aos conhecimentos e esclarecimentos que os alunos devem adquirir para entender o próprio contexto sócio-cultural;
- 3) A competência comunicativa, que assume um processo reflexivo responsável por desencadear o pensamento crítico, e ocorre através da linguagem, que pode ser de caráter verbal, escrita e/ou corporal.

Neste sentido, com relação a esta abordagem, Daólio (2004) afirma que os estudos de Kunz são relevantes, pois, defendem debates a respeito da necessidade do equilíbrio entre as identidades pessoal e social, como subsídios de um mesmo ser humano e uma mesma ação. Assim, para ele: “O ser humano que vive, percebe e sente, é o mesmo que também atua no mundo, interagindo com o meio e com os outros, podendo transformar seus sentidos e significados e transformar a sociedade” (DAÓLIO, 2004, p. 40).

Segundo Darido (2004) as abordagens críticas ou progressistas sugerem uma Educação Física crítica, ligada às transformações de cunho social, econômico e político, na

busca de superar as desigualdades sociais em oposição ao caráter alienante praticado até então.

Através da proposta, procura-se:

Um ensino de libertação de falsas ilusões, de falsos interesses e desejos, criados e construídos nos alunos pela visão de mundo que apresentam a partir do conhecimento. O ensino escolar necessita, desta forma, basear-se numa concepção crítica (DARIDO, 2004, p.15).

Conforme a autora, o ensino crítico é pertinente e favorece os alunos, pois nessa perspectiva estes passam a compreender a estrutura e os processos institucionalizados da sociedade. Por meio da Educação crítica, estes terão condições de interromper as estruturas autoritárias, promovendo sua emancipação. Por sua vez, a linguagem, segundo a autora, é um importante agente na comunicação e propicia uma forma de expressão de entendimento do mundo social, na tomada de decisões, ao formular interesses e preferências “e agir de acordo com o grupo ao que está inserido e do trabalho no esforço de conhecer, desenvolver e apropriar-se de cultura”. (DARIDO, 2004, p. 16).

Por meio de um processo de reflexão, possibilitado pelos pressupostos, que os discentes tomam consciência de que o esporte nada mais é do que uma invenção social e não um fenômeno natural, pois acaba reproduzindo as ideologias e a imagem do homem e mundo propostos por este modelo social (KUNZ, 1998).

2.2.8 Abordagem Sistêmica

Seguindo os passos da abordagem crítico emancipatória, a abordagem sistêmica elaborada por Betti em 1991, indica como eixo principal a integração do aluno nas práticas corporais, observando a não exclusão e a diversidade de conteúdos. A Educação Física na Escolar deve oferecer atividades diferenciadas e não trabalhar apenas com um tipo de conteúdo, objetivando proporcionar vivências nas atividades esportivas, atividades rítmicas e expressivas vinculadas à dança e atividades da ginástica.

Mauro Betti (apud DARIDO, 2003, p. 10), a respeito da abordagem sistêmica, diz que entende a Educação Física como um sistema hierárquico aberto, pois:

Os níveis superiores, como por exemplo, as Secretarias de Educação, exercem algum controle sobre os sistemas inferiores, como por exemplo, a direção da escola, o corpo docente e outros. É um sistema hierárquico aberto porque sofre influências da sociedade como um todo e ao mesmo tempo a influencia.

Relativo a isto, o trabalho da Educação Física no ambiente escolar, não deve se restringir apenas ao ensino de habilidades motoras, muito embora este seja um de seus objetivos, porém não o único. Segundo Darido (2004), os conteúdos a serem desenvolvidos na escola não são diferentes daqueles sugeridos em outras abordagens, como por exemplo, o jogo, o esporte, a dança e a ginástica. A diferença está quando utilizamos o termo vivências do esporte, jogo, dança e ginástica, comprovando assim, a importância do aluno conhecer os movimentos de forma prática, aliados ao conhecimento cognitivo e a experiência afetiva propiciados por essa prática.

Destacando esta importância em permitir que o aluno vivencie novas experiências de movimento, criticando a elitização da Educação Física, Nista-Piccolo (1995, p.11) diz:

Atualmente, a Educação Física Escolar deixou de ser aquele espaço de novas experiências de movimento – onde o aluno se integra socialmente, desenvolve seus domínios cognitivo, moto e afetivo-social, com oportunidade de criar, experimentar, tomar decisões, avaliar e se relacionar – para ser um espaço reservado às crianças que possuem bom desempenho no esporte, geralmente escolhido pelo professor para preparar equipes competitivas ou demonstrativas representando a escola.

A autora propõe que a referida disciplina, por vezes é discriminatória, visto a maneira como utilizada por alguns profissionais da área, torna-se, oportuna somente aos mais habilidosos. Por outro lado, indica que o tempo dedicado às aulas de Educação Física no currículo escolar não é suficiente, quando comparada a outras disciplinas, dificultando, dessa maneira, a formação de um indivíduo independente, reflexivo e crítico.

Quanto aos objetivos da disciplina, Nista-Piccolo (1995) diz que estes devem propender ao desenvolvimento global de cada aluno, para torná-lo um ser participante, mas também deve preparar este aluno que seja independente, criativo e capaz; e acima de tudo crítico e consciente da sociedade em que está inserido. Neste sentido, o professor deve proporcionar mudanças no processo educativo através de um trabalho consciente.

2.2.9 Abordagem Saúde Renovada

Com o intuito de despertar no aluno o gosto pelo exercício, uma nova abordagem para a Educação Física é desenvolvida. Esta busca conscientizar o aluno sobre a necessidade de conhecer os benefícios da atividade física relacionada à saúde e a qualidade de vida.

Para tal, em prol de uma Educação Física Escolar dentro da matriz biológica, alguns autores, dentre os quais destacamos Guedes & Guedes (1996) e Nahas (1997), abalizados em diferentes trabalhos americanos, passam a perceber que as práticas de atividade física vivenciadas na infância e adolescência se caracterizam como importantes predados no desenvolvimento de atitudes, habilidades e hábitos que podem ajudar quando na fase adulta, este ter um estilo de vida ativo fisicamente. (PEREIRA, 2006).

Guedes & Guedes (1996) advertem que uma das preocupações nas áreas da Educação Física e da saúde pública é alçar alternativas que possam ajudar na tentativa de reverter a incidência de distúrbios orgânicos associados à falta de atividade física.

Nahas (1997) sugere que o objetivo da Educação Física na escola de Ensino Médio deveria ser ensinar os conceitos básicos da relação entre atividade física, aptidão física e saúde. Além disso, Guedes & Guedes (1996, p. 55) criticam os professores que trabalham na escola apenas as modalidades esportivas tradicionais, "[...] impedindo, desse modo, que os escolares tivessem acesso às atividades esportivas alternativas que eventualmente possam apresentar uma maior aderência a sua prática fora do ambiente da escola".

2.2.10 Abordagem Educação Física Plural

A abordagem plural tem em Jocimar Daólio seu maior representante. Esta abordagem discute a Educação Física Escolar numa perspectiva cultural, na qual considera a disciplina como parte da cultura humana. (DAÓLIO, 1996).

O autor supracitado propõe uma Educação Física plural, cuja condição mínima e primeira é que as aulas atinjam todos os alunos, sem discriminação pelas habilidades de cada um. Esta abordagem parte do pressuposto que os alunos são diferentes, recusando o binômio igualdade/desigualdade para compará-los. De modo geral, estas aulas devem envolver todas as formas da chamada cultura corporal e, ao mesmo tempo, deve abranger todos os alunos. Obviamente, que seu objetivo não será a aptidão física dos alunos, nem a busca de um melhor rendimento esportivo.

Segundo Daólio (1996, p. 136):

Propor uma Educação Física Plural significa fazer com que esta prática seja democrática, colocando seus serviços à disposição de todos os alunos. Para isso, é necessário considerar as individualidades dos alunos, expressas nas diferenças apresentadas por eles. Uma Educação Física Plural tentará considerar, num sentido mais amplo, o contexto sócio-cultural onde ela se dá, e, num sentido mais específico,

as diferenças existentes entre os alunos. Uma Educação Física Plural permitirá fazer das diferenças entre os alunos, condição de sua igualdade, ao invés de ser critério para justificar preconceitos que levam à subjugação de uns sobre outros. Só assim, será garantido o direito de todos e de cada um à prática de Educação Física na escola.

Recomenda ainda ponderar a pluralidade e as diferenças para que as práticas de determinados grupos não sejam vistos como certo ou errado, mas sim, oferecer aos alunos uma base motora adequada a partir da qual o aluno possa praticar de forma correta e prazerosa as diferentes formas de atividade motora, incluindo os alunos desde a escolha do conteúdo até a execução destes.

2.2.11 Abordagem dos Jogos Cooperativos

A abordagem de Jogos Cooperativos tem como principal autor no Brasil, Fábio O. Brotto, que impulsionado pelo movimento mundial existente sobre o tema, passa a difundir esta proposta em nosso país, influenciando reflexões e transformações em diferentes seguimentos da sociedade. Para Brotto (1995, p. 63), os jogos de cooperação nasceram devido à preocupação dada à grande valorização do individualismo e a competição acentuada, em especial pela cultura ocidental.

Segundo Soler (2006, p. 23) “Os jogos cooperativos são jogos em que os participantes jogam uns com os outros, em vez de um contra os outros. Joga-se para superar desafios. São jogos para compartilhar, unir pessoas, despertar a coragem para assumir riscos.”

Alguns problemas sociais, antes de se tornarem reais, podem ser prevenidos através das brincadeiras e jogos cooperativos, elevando a autoestima, juntamente com o desenvolvimento de habilidades interpessoais positivas.

Conforme Brotto (1995, p. 88), os jogos cooperativos foram criados para amenizar a competitividade, fazendo com que as crianças, através do brincar sem medo de errar ou perder, consigam desenvolver suas habilidades com mais segurança. Desenvolvendo através da brincadeira, mais segurança para enfrentar os desafios que possivelmente vierem a aparecer no decorrer de suas vidas.

Esta abordagem inclui o sentimento de aceitação mútua, favorecendo a real inclusão de todos os alunos nas aulas de Educação Física Escolar. Independente da habilidade motora, nível de desenvolvimento físico ou cognitivo, ou mesmo questões relacionadas ao estado de

saúde ou deficiência, a proposta dos Jogos Cooperativos, esta pautada na valorização da cooperação em detrimento da competição, possibilitando assim que os menos hábeis se incluam, pois não há a necessidade exclusiva de vencer. (DARIDO, 2003, p. 27)

Os jogos são de grande importância para os alunos durante a vida escolar, porém estes podem apresentar duas versões: a inclusão que propõe os jogos cooperativos e os jogos de “Exclusão” que apresentam um caráter competitivo, priorizando os conceitos das capacidades e habilidades motoras tais como: agilidade, destreza, força, eficiência, velocidade, equilíbrio, dentre outras, o que pode desmotivar a ampla participação nas aulas de Educação Física. (PEREIRA, 2006, p. 14)

Conforme Soler (2006) no jogo há sempre um caráter de novidade que é fundamental para despertar o interesse da criança, se tornando um dos meios mais propícios para a construção do conhecimento.

Entende o autor que os jogos não são algo novo para entreter os alunos, mas uma proposta coerente com valores pedagógicos que deseja transmitir, através da cooperação, onde aos poucos a criança vai percebendo que cada um tem sua função e que todos são importantes para se realizar uma determinada brincadeira.

3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A LEGISLAÇÃO

Para entendermos melhor os objetivos e papel da Educação Física na escola é necessário entender como ela está inserida no sistema educacional através da legislação que lhe dá amparo. O presente capítulo procura oferecer uma visão geral das Leis e Diretrizes que regem a Educação Física Escolar com o intuito de apresentar aos profissionais dessa área os documentos que apresentam os direitos, deveres, objetivos e finalidades da disciplina em questão.

Como integrante da escolarização básica, a Educação Física encontra-se inserida na atual conjuntura curricular da Educação, na área de Linguagens e Códigos e suas Tecnologias. Para um melhor entendimento da Educação Física como componente curricular, faz-se necessário um levantamento de informações de como esta vem sendo encarada desde a sua inserção na Educação de Nível Médio.

3.1 A Educação Física Escolar de Nível Médio

A Educação Física é uma atividade dinâmica que contribui na formação ampla dos sujeitos, que utiliza das especificidades da expressão e do movimento humano para inseri-los autonomamente no espaço social vivido. Tal fato se percebe nos reflexos das ações que impactam coletivamente a sociedade, bem como, na formação individual, através das oportunidades lúdicas e motoras que proporcionam equilíbrio entre corpo, mente e espaço, credenciando esta área do conhecimento humano para desenvolver as habilidades motoras de qualquer sujeito, além de manter os elementos terapêuticos, sejam eles emocionais ou físicos.

O trabalho pedagógico desenvolvido na Educação Física escolar deve estar voltado para a construção da cidadania dos sujeitos, formando elementos críticos e participativos no meio social em que estão inseridos. Seu objetivo principal deve ser de que o aluno “[...] adquira a qualificação sócio- histórico-cultural necessária para promover o desenvolvimento de uma racionalidade crítica, autônoma e participativa”. (BARROS, 1992, p. 99).

Segundo Rodrigues (2003), a Educação Física é entendida como um aspecto da educação parte de um todo, portanto visa os mesmos fins da educação, isto é, formar o indivíduo

físico, mental e espiritualmente sadio. Desta forma, podemos observar que, em qualquer esfera de trabalho onde o professor de Educação Física exerça sua profissão, este não pode ser simplesmente considerado um recreador ou sujeito de animação social.

Na verdade, em todos os casos em que se manifesta essa prática social, o professor é um agente político pedagógico que, em teoria, deveria apresentar bases filosóficas e científicas suficientes para poder "dar conta", além de sua aula, das ações concretas para compreender a dinâmica social – onde desenvolve sua ação profissional a fim de defender, conscientemente, seu projeto de educação e sociedade.

A Educação Física pode ser definida como Educação através de atividades de brincadeiras com grandes músculos, tal como esportes, exercícios e dança, onde os objetivos educacionais podem ser obtidos em parte... Esse produto é uma pessoa educada fisicamente. Esse valor deve ser de muitos valores de uma pessoa educada liberalmente e tem significado somente quando é relacionado com a totalidade de vida de um indivíduo. (BARROW, 1971, p.35)

Neste contexto nota-se que a Educação Física possui um importante papel a cumprir perante os jovens e adolescentes da sociedade, como educar e desenvolver atos de cidadania, questões de ética e valores e, de modo a atuar na construção de um indivíduo na sua total complexidade.

De acordo com Nahas (2001), a Educação Física Escolar é responsável por uma variedade de objetivos, mas dispõe de condições estruturais e tempo muito abaixo do ideal para atingi-los. Portanto, a preocupação com o desenvolvimento físico juntamente com outras áreas do crescimento e desenvolvimento humano contribui para uma esfera de ação única da Educação Física, pois nenhuma outra área trata do desenvolvimento total do homem, com exceção da Educação no seu senso mais geral possível.

Em contribuição ao exposto, Saviani (1991, p. 79) afirma que:

A Educação Física escolar se legitima quando sua identidade é formalizada, ou seja, quando a prática pedagógica tematiza elementos da cultura corporal/movimentos. E ainda, quando os conteúdos abordados são contextualizados histórica e socialmente. Seria então, o grande "boom" transformar o saber elaborado em saber escolar.

Os estudos sobre os processos de ensino e aprendizagem na Educação Física, partindo de uma abordagem que a entende como uma estreita associação com o meio em que os sujeitos vivem e se constroem como tal, tem apontado para a relevância de refletir que esses processos requerem uma atenção especial, no sentido de que, as concepções tradicionais que eram veiculadas até então, não mais dão conta de atender a todas as exigências que são impostas pelo

contexto que os sujeitos se desenvolvem e devem estar aptos para atuar em situações diversas. (ANASTASIOU, 2003).

Sabe-se da importância do profissional de Educação Física para a manutenção da qualidade de vida do ser humano, bem como, da sociedade em que se encontra inserido. Esse profissional pode exercer suas atividades atuando através de clubes, escolas, hotéis, *spas*, academias, condomínios, empresas, clínicas de recuperação, prefeituras e outras instituições. Nessa diversidade de espaços profissionais para a área da Educação Física, a profissionalização da área passou a ser norteada para a especificidade da sua atuação.

De acordo com as DCNs - Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Educação Física, de 18/02/2004, o curso de Licenciatura em Educação Física passou a formar profissionais exclusivamente para a Educação Básica, ou seja, para atuar nas escolas de Educação Infantil e do Ensino Fundamental e Médio, bem como, para desempenhar atividades de planejamento, coordenação e supervisão de atividades pedagógicas do sistema formal de ensino. (BRASIL, 2004).

Conforme estabelecido neste documento, o licenciado poderá também atuar em pesquisas relacionadas ao ensino e suas interfaces com outras áreas de estudo. Entretanto, o texto referencial esclarece que os novos licenciados não podem atuar em academias, clubes e outros espaços físicos não escolares.

Já o Bacharelado em Educação Física forma profissionais para a área não escolar (clubes, academias, centros comunitários, hotéis, associações recreativas, empresas e outros). Seu objetivo é formar o profissional de Educação Física para atuar no planejamento, orientação e avaliação de programas de práticas corporais e saúde para grupos de crianças, jovens, adultos e idosos em condições saudáveis ou integrantes de grupos especiais (com fatores de risco, portadores de deficiência, gestantes e outros). (BRASIL, 2004). Desta forma, estabelece-se que o Bacharel em Educação Física pode realizar pesquisas nessas áreas, entretanto, não está autorizado a atuar no ensino formal escolar.

Frente a esse quadro da atuação profissional da área e, elegendo a formação do licenciado como base de referência para este trabalho, faz-se necessário compreender um pouco mais sobre esta área do conhecimento e sua inserção no espaço escolar, conhecendo a legalidade de sua inclusão pedagógica, os parâmetros que norteiam a sua aplicação no processo de ensino e aprendizagem em Educação Física, bem como, verificar qual o contexto atual de desenvolvimento da mesma.

3.2 A legitimidade da Educação Física do Ensino Médio

Para entender os papéis e objetivos da Educação Física na escola é necessário compreender como ela se insere no Sistema Educacional Brasileiro através da legislação que lhe dá suporte. O Brasil teve, durante seu desenvolvimento, três Leis de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional (LDB). A primeira, em 1961, a LDB de 1971, que reformulava a primeira, e a atual LDB, promulgada em 1996. Na primeira LDB, de 1961, a Educação Física já era considerada obrigatória nos graus primário e médio, até a idade de 18 anos. Nesta época tinha como preocupação preparar o “físico” dos jovens para ingressarem no mercado de trabalho. (BRASIL, 1961).

Com a reforma educacional, ocorrida em 1971, ocorreram mudanças em relação ao papel da Educação Física, que se tornou obrigatória em todos os níveis e ramos de escolarização, sendo que a participação só seria facultativa ao aluno caso o mesmo estudasse em período noturno e trabalhasse mais de 6 horas diárias, tivesse mais de 30 anos de idade, estivesse prestando Serviço Militar; ou se estivesse fisicamente incapacitado. (CASTELLANI FILHO, 1998).

A partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), a Educação Física passou a ser um componente curricular como qualquer outro, trazendo consigo uma série de mudanças, relacionadas à estrutura didática e autonomia dada às escolas e sistemas de ensino, e ainda o enfoque dado à formação do cidadão. Estabelece a Lei, em seu artigo 26, parágrafo 3º, que: “[...] §3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.” (BRASIL, 1996, p.13)

Talvez o único fato negativo presente na LDB/96 seja ainda o fato de ser a Educação Física facultativa nos cursos noturnos, fazendo com que as pessoas que menos têm acesso ao universo da Cultura Corporal de Movimento continuem sendo privadas destes conteúdos. Entretanto, para mudar esse quadro, em 2003 a facultabilidade foi alterada pela Lei 10.793, pela qual as aulas seriam facultativas não somente às pessoas que estudassem em período noturno, e sim àquelas que, independentemente do período, se enquadrassem nas seguintes condições: mulheres com filhos, trabalhadores, militares e pessoas com mais de 30 anos. (BRASIL, 2004).

Com relação ao Ensino Médio, a maior contribuição da atual LDB é a de conferir ao Ensino Médio a identidade de Educação Básica, explicitando que o mesmo é a sua “etapa final”. (BRASIL, 1996). Em seu artigo 35 traça as diretrizes gerais para a organização curricular no

Ensino Médio, definindo que este terá duração mínima de três anos e terá como suas finalidades os seguintes objetivos:

- I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II – a apresentação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação e aperfeiçoamento posterior;
- III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (BRASIL, 1996, p.156).

Além da LDB, outro documento que regulamenta, norteia e dá suporte à Educação e suas áreas de conhecimento são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados levando-se em conta os fatores culturais, sociais e econômicos do Brasil.

Os fundamentos teóricos dos Parâmetros são o construtivismo e o interacionismo. Isso significa que os PCNs orientam e servem como referência para o trabalho desenvolvido nas escolas de ensino fundamental da rede pública brasileira tendo em vista o processo de construção do conhecimento por parte do aluno e o papel do professor como mediador entre o aluno e o conhecimento e entre o aluno e seus pares. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Mesmo não tendo um caráter obrigatório, vêm sendo adotados também na rede privada de ensino. (BRASIL, 1996).

De acordo com os PCNs, o Ensino Médio enquanto etapa de uma educação de caráter geral deverá estar afinado com a construção de competências que situem o educando “[...] como sujeito produtor de conhecimento e participante do mundo do trabalho”. (BRASIL, 1996, p. 22).

Com relação à Educação Física no Ensino Médio, os PCNs indicam algumas propostas para o seu desenvolvimento, orientando aos profissionais da disciplina, de maneira objetiva, para que possam trabalhar de forma lúdica e educativa, permitindo que o aluno aprenda diferentes conteúdos da cultura corporal de movimento, tornando-se um cidadão capaz de resolver diferentes situações da vida cotidiana.

Para tanto, a Educação Física Escolar, segundo os PCN’s, possibilita, também, aos alunos o acesso a conhecimentos práticos e conceituais a partir da sistematização de situações de ensino e aprendizagem. Porém, para que isso aconteça, é fundamental a mudança da ênfase na aptidão física e no rendimento padronizado, que caracterizava a Educação Física, para uma

concepção mais ampla, que consiga contemplar todas as dimensões envolvidas nas práticas corporais. (BRASIL, 1996).

É importante, também, diferenciar os objetivos da Educação Física escolar e os objetivos do esporte, da dança, da ginástica e da luta profissionais, pois, embora seja uma referência, a formação esportiva não pode ser o ideal almejado pela escola. A Educação Física escolar deve proporcionar a todos os alunos situações para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu melhoramento como seres humanos. (BRASIL, 1996).

De acordo com os PCNs, a Educação Física Escolar no Ensino Médio tem como objetivo acrescentar e aprofundar conhecimentos, e não somente aplicar fundamentos já conhecidos sobre esportes e jogos. Sendo assim, é inevitável a comparação com as demais áreas de estudos, que se dedicam a aprofundar outros conhecimentos utilizando metodologias diversificadas, vídeos, leitura de textos, discussões em grupos de temas atuais, fazendo com que o aluno saiba solucionar o problema durante as aulas, tornando-as mais atraentes no seu dia-dia escolar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1996, p. 156) alertam que “A Educação Física precisa buscar sua identidade como área de estudo fundamental para a compreensão e entendimento do ser humano, enquanto produtor de cultura.” Para tanto, os professores devem ter um planejamento de atividades de acordo com a escola e a equipe pedagógica, utilizando seus conhecimentos e desenvolvendo projetos, aulas que venham ao encontro dos interesses e necessidades dos alunos. Os PCNs também afirmam:

Uma Educação Física atenta aos problemas do presente não poderá deixar de eleger, como uma das suas orientações centrais, a da educação para a saúde. Se pretender prestar serviços à educação social dos alunos e contribuir para uma vida produtiva, criativa e bem sucedida, a Educação Física encontra, na orientação pela educação da saúde, um meio de concretização das suas pretensões. (BRASIL, 1996, p.156).

Esse registro sugere que o professor de Educação Física deve buscar interagir com as propostas pedagógicas da escola, buscando enaltecer este componente curricular com total seriedade e compromisso com a formação do educando, desenvolvendo o seu papel de mediador e de interlocutor de informações, mostrando aos seus alunos as melhores formas de aprendizagem, fazendo com que estes entendam e aceitem as diferenças corporais e de comportamento entre os indivíduos.

Tais objetivos devem ser atingidos a partir da utilização de estratégias diversificadas, desde o ensino e a vivência de modalidades esportivas, até a experimentação de linguagens como os jogos, a dança, o circo, entre outras. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais “Os conteúdos curriculares da Educação Básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes: promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não formais” (BRASIL, 1996, p. 158).

O que significa que os momentos dessa prática devem atender a todos os alunos, respeitando suas diferenças e estimulando-os ao maior conhecimento de si e de suas potencialidades, independentes do nível de desempenho individual, mas valorizando o desenvolvimento das capacidades motoras existentes em cada pessoa e apontando o aprimoramento das habilidades com o movimento corporal.

Do mesmo modo, a LDB nº 9394/96 (BRASIL, 1996), contribui com o exposto anteriormente ao estabelecer, em seu artigo 27, que:

Art. 27. Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

- I – a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos Cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;
- II – consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;
- III – orientação para o trabalho;
- IV – promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não formais.

Essa orientação legal dá suporte ao desenvolvimento de uma Educação Física que oportuniza o aprimoramento do desporto educacional, ao mesmo tempo em que compromete para o apoio e incentivo às práticas não formais, orientando para o exercício de atividades que promovam o conhecimento corporal, a apreciação cultural de movimentos, o lazer, a manutenção da saúde e a qualidade de vida.

Todo ser humano aprende a fazer o uso das expressões corporais, demonstrando através dos movimentos um significado de acordo com o contexto presente naquele determinado momento.

Durante as aulas de Educação Física, deve-se observar as emoções e os movimentos dos alunos, os quais podem proporcionar diferentes mensagens emitidas através da expressão corporal. Entretanto, muitas vezes esses movimentos não parecem tão significativos para alguns professores, passando despercebidos e não sendo observados e considerados como informações corporais importantíssimas para captarmos os sentidos e os sentimentos passados pelo aluno. Como ressalta os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Os movimentos do corpo “certos” ou “errados” são determinados socialmente, indicando o comportamento adequado. O estabelecimento de padrões culturais de movimento acontece como se fosse um fenômeno natural. O jeito de andar, a postura corporal, a maneira de gesticular, o olhar, o ouvir, enfim, a conduta motora aparece como ação puramente biológica. A apreensão de determinado fenômeno depende dos instrumentos sínicos de que se dispõem. Estes instrumentos vão moldar as ações internas e externas do indivíduo e vão, portanto, influenciar as relações entre as pessoas. (BRASIL, 1996, p. 162).

No Ensino Médio a possibilidade do desenvolvimento da linguagem corporal está não somente nos esportes, mas sim em uma interação entre as matérias convencionais, como artes, biologia, português, etc., desenvolvidas em conjunto com as atividades e projetos que envolvam jogos, danças, lutas e outros esportes.

Sendo assim, o indivíduo aprende a fazer o uso das expressões corporais, de acordo com o ambiente em que se desenvolve como pessoa, enfim, todo o movimento tem um significado de acordo com um contexto.

Com esses trabalhos o educador consegue estimular os educandos, permitindo que eles questionem e resolvam situações, adquirindo aos poucos condutas e valores pertinentes ao grupo e a si próprios.

A Educação Física é uma disciplina muito relevante, porém, muitas vezes é pouco valorizada na grade curricular. Ela tem como um de seus objetivos inserir e incorporar o aluno no saber corporal de movimento. Tem por responsabilidade educar e estimular o aluno às práticas corporais, bem como, fazer com que este se posicione criticamente em relação aos exercícios praticados durante aulas.

Neste capítulo trataremos as habilidades e competências para a Educação Física do Ensino Médio, bem como a proposta curricular para esta etapa do ensino. Dentro deste contexto, iremos abordar como a disciplina em questão está inserida no espaço escolar e alguns aspectos que levam alguns alunos a não participar das aulas durante este período tão importante do ensino.

3.3 A proposta curricular para a Educação Física no Ensino Médio

A Educação Física Escolar traz consigo um debate em relação à sua especificidade desde a década de 80, período em que novas propostas curriculares foram elaboradas com vistas

à superação do modelo tradicional de ensino. Até os dias atuais várias foram as reflexões e proposições realizadas na área em busca de uma identidade.

Enquanto componente curricular, a Educação Física deve assumir então outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando um cidadão que vai produzir, reproduzir e transformar, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. “A integração que possibilitará o usufruto da cultura corporal de movimento há de ser plena – é afetiva, social, cognitiva e motora. Vale dizer, é a integração de sua personalidade.” (BETTI, 2002 p. 45).

De acordo com Nahas (2001 p.131), o currículo de Educação Física corresponde à parte do programa educacional formal destinado a levar os educandos a atingirem objetivos específicos da disciplina e, por extensão, atingirem objetivos educacionais e de saúde, de modo mais amplo. A Educação Física serve a numerosos objetivos, tanto de curto como de longo alcance e, historicamente, tem-se incluído muitos objetivos em cada série, dispersando-se os conteúdos e experiências voltadas para cada um deles.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional preconiza, em seu artigo 26:

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (BRASIL, 1996, p. 09).

De acordo com os PCNs (BRASIL, 1996 p. 53), “[...] os blocos de conteúdos e/ou organizações temáticas são agrupamentos que representam recortes internos à área e visam explicitar objetos de estudo essenciais à aprendizagem.” Distinguem as especificidades dos conteúdos, para que haja clareza sobre qual é o objeto do trabalho, tanto para o aluno como para o professor — é importante ter consciência do que se está ensinando e do que se está aprendendo.

Atento a essa normatização, os PCNs (BRASIL, 1996), apresentam a disciplina de Educação Física com diversos conteúdos da cultura corporal do movimento humano, entre eles, destacam-se: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica, as lutas, as atividades expressivas e outras manifestações com características lúdicas. Tais conteúdos estão organizados em três blocos, que deverão ser desenvolvidos ao longo de todo o Ensino Fundamental, sendo eles: Esportes, jogos, lutas e ginásticas; Atividades rítmicas e expressivas e Conhecimentos sobre o corpo.

Essa organização de conteúdos passou a referenciar o trabalho nesta área do conhecimento e é amplamente justificada em outros projetos pedagógicos, como se percebe na citação do Referencial Curricular “Lições do Rio Grande”, que trata da Educação Física:

De um modo específico, cabe a Educação Física tratar das representações e práticas sociais que constituem a cultura corporal de movimento, estruturada em diversos contextos históricos e de algum modo vinculada ao campo do lazer e da saúde. É o caso, por exemplo, das práticas esportivas, das ginásticas, das lutas, das atividades lúdicas, das práticas corporais expressivas, entre outros, que se firmaram ao longo dos anos como objetos de estudo próprios desta disciplina. (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2009, p. 113-114).

As orientações dos PCN's expõem que estes blocos de conteúdos são articulados entre si e são subsídios para o trabalho do professor para alcançar os objetivos gerais da disciplina, que deverá distribuir os conteúdos a serem trabalhados de maneira equilibrada e adequada. O foco da área, portanto, não deve estar relacionado apenas às habilidades e às competências para o esporte, mas para a ampliação dos conteúdos no âmbito da cultura corporal nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais. Tais conteúdos possibilitarão o desenvolvimento dos educandos nos aspectos: cognitivo, afetivo, ético, corporal, estético, relação interpessoal e inserção social, de maneira consciente, crítica e democrática. (BRASIL, 1996).

Para melhor compreensão das dimensões registradas no documento, utilizamos de Zabala (1998, p. 62), que esclarece sobre os conteúdos de ensino e sua natureza, expondo-os na seguinte tipologia:

- **Procedimental:** conteúdos que se referem aos fazeres/vivências das diferentes práticas educativas: jogar, fazer exercício físico, dançar, ler, escrever, desenhar, dentre outras. A aprendizagem desses conteúdos implica, assim, a realização de ações e a reflexão sobre a atividade, tendo em vista a consciência da atuação e a utilização deles em contextos diferenciados.
- **Atitudinal:** conteúdos relacionados à aprendizagem de valores (princípios ou ideias éticas), atitudes (predisposições relativamente estáveis para atuar de determinada maneira) e normas (padrões ou regras de comportamento segundo determinado grupo social). Esses conteúdos são configurados por componentes cognitivos (conhecimentos e crenças), afetivos (sentimentos e preferências) e de conduta (ações e intenções). Exemplos: respeito ao colega, cooperação, autonomia, solidariedade, adoção de hábitos saudáveis. Assim, aprende-se uma atitude quando a pessoa pensa sente e atua de forma coerente diante uma situação concreta.
- **Conceitual:** conteúdos relacionados a conceitos ou ideias-chave presentes na base da construção da identidade das ações pedagógicas. São informações e fundamentos básicos para a aprendizagem dos porquês, da importância, dos limites e possibilidades das vivências corporais. São exemplos desses conteúdos os conceitos de corpo, organismo, saúde, esporte, técnica, tática, qualidade de vida e beleza. A aprendizagem desses conteúdos não se mostra apenas quando o educando repete a definição do conceito, mas quando é capaz de utilizá-lo para a interpretação, compreensão, exposição, análise ou avaliação de uma situação. Os conceitos são dinâmicos, evoluem historicamente com o avanço nas construções de saberes de cada área de conhecimento. Por isso, sempre podemos ampliar ou aprofundar saberes, tornando-os significativos.

Essa tipologia está bem registrada no documento norteador introdutório dos PCN's (BRASIL, 1996), onde o documento referencia a relação que se estabelece entre o domínio do "saber" como a apropriação dos conteúdos conceituais, a atitude de "saber fazer" como a evidência dos conteúdos procedimentais, e a postura de "ser" como a exposição dos conteúdos atitudinais. O documento esclarece ainda, que o "ser e acontecer" seria a interação e uso destes conhecimentos em relação ao posicionamento do cidadão frente às situações da sua vida.

Conforme Lorenz e Tibeau (2003), no ambiente escolar, principalmente com relação à Educação Física, costuma-se desenvolver conteúdos tecnicistas, que são tradicionais nesta área, em detrimento de outros conteúdos, de caráter formativo para a vida do aluno, e que exigem maior compreensão e aplicabilidade para a sua assimilação, quando objetiva-se uma formação integral do aluno.

Diante do exposto, delega-se para a escola e seus profissionais a responsabilidade de cumprir a sua função educadora, não apenas definindo o Projeto Político Pedagógico (PPP) e os conteúdos, mas, principalmente, que organizando as suas ações de ensino de tal modo que os alunos adquiriram e desenvolvam competências e habilidades, referenciadas por estes conteúdos, acrescentando ao máximo o aprendizado integral destes jovens.

3.4. Habilidades e competências para a Educação Física do Ensino Médio

Os educandos que estão no Ensino Médio possuem características que norteiam o tipo de educação que a escola deve lhes oferecer. Essa etapa fundamental do processo educativo, e que contempla tanto a formação geral como a preparação para o mercado de trabalho, deve ter para esses jovens um significado de superação de suas dificuldades, decorrentes da fase de transição ou adolescência.

Por isso é extremamente importante que esses jovens tenham um acompanhamento, que ele encontre dentro da escola parceiros que o incentivem a buscar o conhecimento, que respondam às suas dúvidas ou os guie para encontrar as respostas necessárias para que possam formar suas opiniões, convicções e que sejam capazes de construir o novo, de se lançarem na sociedade sem medo de mostrar suas capacidades.

Segundo Zabala (1998), competência são as capacidades de um sujeito mobilizar saberes, conhecimentos, habilidades e atitudes para resolver problemas e tomar decisões adequadas. Habilidade, por sua vez, está relacionada ao saber fazer.

Garcia (2005) também conceitua competência de forma similar, afirmando que esta possibilita o sujeito a encarar uma situação por via da mobilização de conhecimentos. A autora salienta que a competência é a capacidade de utilizar mais de um recurso para resolver algo de forma inovadora, criativa e no momento necessário.

Os conceitos acima estão em concordância com os apresentados por Zabala e Arnau (2010), pois os autores afirmam que competência é o que fará com que o indivíduo resolva situações do seu cotidiano, durante toda a vida. Para chegar a tal entendimento, os autores ponderaram sobre noções de competência e averiguaram as semelhanças em seus termos. Para tal é necessário articular conhecimentos, valores e atitudes de forma integrada.

Estes reforçam que competência é a habilidade usada para resolver uma situação legítima e complexa de forma eficaz, rápida e criativa. Igualmente, mencionam que habilidades e atitudes estão vinculadas a competências, uma vez que elas estão relacionadas com conhecimentos para que haja uma atuação competente.

De acordo com o MEC (Ministério da Educação), competências são as modalidades da inteligência que usamos para estabelecer relações entre o que desejamos conhecer. Já as habilidades são competências adquiridas e estão ligadas ao "saber fazer" (BRASIL, 2004).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam as principais competências e habilidades a ser desenvolvida na Educação Física no Ensino Médio. De acordo com o documento, espera-se que, no decorrer do Ensino Médio, em Educação Física, as seguintes competências sejam desenvolvidas pelos alunos:

- Compreender o funcionamento do organismo humano, de forma a reconhecer e modificar as atividades corporais, valorizando-as como recursos para a melhoria de suas aptidões físicas;
- Desenvolver as noções conceituais de esforço, intensidade e frequência, aplicando-as em suas práticas corporais;
- Refletir sobre as informações específicas da cultura corporal, sendo capaz de discerni-la e reinterpretá-las em bases científicas, adotando uma postura autônoma na seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde;
- Assumir uma postura ativa, na prática das atividades físicas, e consciente da importância delas na vida do cidadão;
- Compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo e valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão;
- Participar de atividades em grandes e pequenos grupos, compreendendo as diferenças individuais e procurando colaborar para que o grupo possa atingir os objetivos a que se propôs;
- Reconhecer na convivência e nas práticas pacíficas, maneiras eficazes de crescimento coletivo, dialogando, refletindo e adotando uma postura democrática sobre os diferentes pontos de vista propostos em debates;

- Interessar-se pelo surgimento das múltiplas variações da atividade física, enquanto objeto de pesquisa, áreas de grande interesse social e mercado de trabalho promissor;
- Demonstrar autonomia na elaboração de atividades corporais, assim como capacidade para discutir e modificar regras, reunindo elementos de várias manifestações de movimento e estabelecendo uma melhor utilização dos conhecimentos adquiridos sobre a cultura corporal. (BRASIL, 1996, p.164).

A escola deve mostrar às novas gerações a importância de cada indivíduo e seu papel na sociedade, enquanto cidadãos conscientes de seus direitos e deveres. Deve possibilitar aos alunos condições para o desenvolvimento de competências e consciência profissional, mas não restringir-se ao ensino de habilidades imediatamente demandadas pelo mercado de trabalho.

Dessa forma e diante da quantidade de informações e da facilidade de acesso a estas, deve o professor conduzir o aluno de forma que possa o aprendizado ser mútuo e repleto de paixão. O professor deve “traduzir” os ensinamentos de forma que o aluno se sinta dentro de uma inesquecível “viagem” e dessa forma possa assegurar a produtividade do ensinamento, sempre utilizando-se da criticidade no ensino e aprendizagem dos conteúdos

O papel do professor está diretamente relacionado aos objetivos e missão da instituição. Quando a proposta educacional carrega em seu contexto o trabalho de competências e habilidades, a Educação Física deve estar inserida neste programa e estabelecer metas que sigam por esta diretriz da melhor maneira possível, não só para o aluno, mas que também motive o professor a buscar novas metodologias para abordar algumas tarefas docentes, valorizando assim sua prática pedagógica.

O professor deve, com a mesma intensidade fornecer as condições necessárias, observando, no entanto as limitações que possam existir como: fase de desenvolvimento do aluno, espaço físico e material disponível, bem como, a forma como o aluno apresentam sua qualidade de movimento e conseqüentemente seu entendimento sobre determinados assuntos. Pois se o aluno tiver consciência de seu corpo e de suas condições, vontade de aprender e interesse pelo assunto, ele com certeza irá conquistar seus ideais.

3.5 A Educação Física e sua inserção no espaço escolar

A inserção da Educação Física no Ensino Médio é amparada pela LDB, no entanto, a sua funcionalidade e contribuição têm apresentado algumas lacunas que preocupam muitos dos envolvidos com as questões do processo formativo dessa área.

Debater sobre como a Educação Física está inserida na escola, é acenar que esta disciplina também existe. É seu dever preparar os indivíduos inseridos no convívio escolar para a vida em sociedade e ao mesmo desenvolver aptidões físicas individuais. A escola, portanto, deve ser vista como sujeito transmissor de informação e conhecimento, onde através da socialização desenvolva os estudantes integralmente.

Contudo, perante este cenário das escolas brasileiras, no que diz respeito à Educação Física como disciplina curricular, torna-se preocupante para os educadores a não importância que se estabelece com essa área do conhecimento, vista a garantia pela Lei 9.394/96, ao referenciá-la como componente curricular da educação básica como parte integrante da formação educacional. (BRASIL, 1996).

Mesmo após vários anos de sua inserção como componente curricular escolar, a Educação Física ainda não descobriu sua identidade, isto é, seu exato papel na formação dos educandos. Por essa razão os alunos e a comunidade escolar em geral, não dedicam a devida atenção e importância para esta disciplina que, se bem trabalhada, poderá render frutos num futuro próximo. Essa percepção é exposta nos PCN's (BRASIL, 2000, p. 34) onde o documento registra que "A Educação Física precisa buscar sua identidade como área de estudo fundamental para a compreensão e entendimento do ser humano, enquanto produtor de cultura."

Deste modo, alguns autores começaram a direcionar o foco de seus trabalhos para analisar e refletir os aspectos que influenciam este cenário da área. Dentre eles, citamos o trabalho de Frey, (2007, p.1), onde a autora retrata com propriedade sobre a inserção da Educação Física no Ensino Médio, nas seguintes palavras:

O Ensino Médio é um dos níveis da Educação Básica, como cita a LDB (BRASIL, 1996). Ele é entendido como uma continuidade do Ensino Fundamental, ou seja, para a Legislação (Lei nº9394 de 20 de dezembro de 1996 - Seção IV - Art. 35) o Ensino Médio prevê a finalidade de consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental. Além dessa finalidade há outras: prosseguimento dos estudos; preparo para o trabalho e a cidadania; o desenvolvimento de habilidades como continuar a aprender e capacidade de se adaptar com flexibilidade às novas condições de ocupação e aperfeiçoamento; o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; e a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando teoria e prática.

A exposição destas finalidades serve de suporte para Frey (2007) analisar o quadro atual desta área do conhecimento. Nesta intenção, a autora se utiliza de diversos autores que refletem sobre as aulas Educação Física na atualidade, dentre eles, Barros (1992), Kunz (1991), Nista-Piccolo (1995), Paiano (1998), Posseibon e Cauduro (2001), entre outros, que analisam

sobre as aulas de Educação Física de nível médio, expondo que as mesmas tem se transformado apenas num período optativo de recreação e lazer, destituído de objetivos educacionais.

Tais referências permitem constatar que esta disciplina não está estabelecida no currículo escolar como deveria. Tanto a escola como os profissionais da área não conseguem implantá-la no contexto escolar como disciplina com finalidades, objetivos, conteúdos e métodos eficazes para a formação integral dos indivíduos nela inseridos.

Verifica-se que na prática pedagógica exercida pela maioria dos professores da área, falta seriedade no emprego de conteúdos atualizados e necessários para a formação do aluno. Porém, temos que compreender que essa é uma realidade vivida por muitas escolas, pois além de não dispor de equipamentos necessários, não conta com profissionais motivados para o trabalho, situação esta influenciada por vários fatores. Portanto, ao abordar a prática pedagógica, é importante não responsabilizar totalmente o profissional, mas estar atento aos demais aspectos que influenciam sua ocorrência.

Segundo Paiano (1998) e Nista-Piccolo (1995 apud FREY, 2007) dentro do âmbito escolar, a disciplina de Educação Física é desvalorizada, tanto pela direção quanto pelos demais professores de outras disciplinas por achar que esta não colabora de forma importante com a aquisição de conhecimentos e a educação dos alunos. Para os autores, a falta de identidade da Educação Física no espaço escolar se caracteriza pelos poucos estudos existentes tratando desta área numa dimensão interdisciplinar.

Na visão da maioria das pessoas esta disciplina serve apenas para os alunos “jogarem bola” e se divertirem. Porém, a aula de Educação Física deve ser o período em que o aluno tenha contato com várias formas de manifestações da cultura corporal, relacionando-as com outras aprendizagens significativas para sua vida. Aos profissionais da área cabe o trabalho de conjecturar e criar novas propostas de intervenção para transformarmos a realidade de ensino-aprendizagem do currículo educacional escolar.

Neste sentido, Frey (2007) cita Paiano (1998, p. 84), onde o autor orienta: "A Educação Física precisa justificar sua presença no meio escolar através de um trabalho inovador que considere o indivíduo como um ser complexo, uno, que se expressa de maneira muito singular, permitindo a manifestação dessa diferença".

Portanto, esta deve preocupar-se não apenas com o corpo e seus conhecimentos, mas sim, que desenvolva um projeto mais arrojado e inovador, com métodos e técnicas que relacione e abranja de forma total o indivíduo, no espaço social onde está inserido.

A Educação Física, dentro das suas atribuições, deve buscar formas de transmitir aos alunos não apenas os conhecimentos específicos do movimento humano, mas também as

formas de relações e de convívio que o capacitem como um cidadão cooperativo e solidário, que possa intervir de maneira positiva na sociedade. (PAIANO, 1998 apud FREY, 2007).

Para Oliveira (1991, p. 39) "[...] as discussões devem caminhar mais para a ideia de educação para o movimento..." A Educação Física traz consigo vários aditamentos à saúde e bem estar dos indivíduos, dentre eles, destaca-se o fortalecimento muscular, tratamento da obesidade, problemas cardiorrespiratórios, bem como benefícios para a mente, tratando do ser humano como um todo. Tais conhecimentos devem ser internalizados pelo aluno, de modo que os utilizem em sua vida, conscientes da importância dos mesmos.

Ao tratar da identidade da Educação Física, Frey (2007) utiliza Posselton e Cauduro (2001), expondo que estes autores se mostram atentos à legitimidade da Educação Física no espaço escolar. Os autores, citados por Frey, entendem que esta tem um papel fundamental na formação do aluno e deve oportunizar atividades que consolidem, da melhor maneira possível, o desenvolvimento das habilidades motoras e da sua aplicabilidade em situações complexas presentes nas diversas atividades oportunizadas diariamente pelos professores da área, dentro do contexto escolar.

O verdadeiro papel do profissional de Educação Física, se executado de forma correta, poderá implicar visivelmente na formação de valores e habilidades dos alunos. De um modo geral, além de possibilitar o desenvolvimento da parte intelectual do educando como fazem as demais disciplinas, esta é a única área que pode através de sua inserção aprimorar a várias formas de manifestações da cultura corporal

3.6 Aspectos da não participação nas aulas de Educação Física

Entre os autores que se preocupam com os aspectos que influenciam na não participação nas aulas de Educação Física é importante destacar a pesquisa realizada por Vianna et al. (2009, p. 01), onde os autores revelam que:

Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais coloquem como prioridade no ensino médio a formação geral dos educando, com o intuito de estimular a pesquisa, a busca, a análise e a seleção de informações, para que o indivíduo possa assumir uma postura ativa na prática das atividades físicas, pelo desenvolvimento de sua consciência quanto à importância de uma vida ativa e saudável no exercício pleno da cidadania – PCNs (Brasil, 2006), nos últimos anos, tem-se observado que o número de alunos que se desobrigam da frequência às aulas de Educação Física Escolar tem aumentado, caracterizando assim, um visível desinteresse pela disciplina.

Percebe-se então, que a não participação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio pode comprometer os propósitos educacionais da área, tendo em vista as perspectivas de aprendizado e o envolvimento dos alunos com o processo educativo.

Estruturar um programa de Educação Física ou de outra disciplina e selecionar os seus conteúdos é um problema metodológico básico, uma vez que, quando se aponta o conhecimento e os métodos para sua assimilação, se evidencia a natureza do pensamento teórico que se pretende desenvolver nos alunos.

Segundo Nahas (2001), frequentemente, percebe-se a falta de uma progressão lógica ou de uma sequência nas experiências escolares em termos de atividade física. Esta falta de planejamento adequado, incluindo procedimentos de avaliação sem sempre justificáveis, tem sido uma das vulnerabilidades nos programas de Educação Física.

Em relação ao fato do jogo como atividade predominante, Rangel-Betti (2003), comenta que os alunos preferem aprender os fundamentos das modalidades esportivas antes de aplicá-los em situações reais de jogo, do que simplesmente “pegar” a bola e jogar, tendo assim a possibilidade de aprender e/ou aperfeiçoar movimentos novos para depois combiná-los e aplicá-los em situação real de jogo. No entanto, muitos professores ignoram esse fato e apresentam a característica de dar a bola aos alunos e deixá-los assumir as responsabilidades da aula, que caberiam a ele, como organizar e apresentar os fundamentos da modalidade.

No que tange à desmotivação para as aulas, segundo Darido (2004 apud FREY, 2007), uma das hipóteses possíveis para o número reduzido de aderentes à prática da atividade física pode residir nas experiências anteriores vivenciadas nas aulas regulares de Educação Física. Muitos alunos acabam não encontrando prazer e conhecimento nas aulas de Educação Física e se afastam da prática na idade adulta. O autor citado por Frey (2007) complementa que, atualmente entende-se a Educação Física na escola com uma área que trata da cultura corporal e que tem como finalidade introduzir e integrar o aluno nessa esfera, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e também transformá-la, tal como apontado nos PCN's. (BRASIL, 2000).

Paiano (1998 apud FREY, 2007) aponta como razão para essa desmotivação, o conflito de interesses gerado pela ênfase da competição que ocorre quando o professor assume a postura de técnico ou treinador, exige de seus alunos uma postura de atleta cobrando altos rendimentos, que muitas vezes são inadequados e não correspondem ao seu desenvolvimento motor e o objetivo da Educação Física Escolar, dessa forma fazendo com que os alunos percam a vontade de participar da aula, que ao invés de prazerosa passa a ser maçante e por isso desmotivante,

pois enquanto para uns a aula de Educação Física é vista como competitividade, para outros é tida como uma forma de lazer e socialização.

Outro aspecto importante trata das formas de relacionamento pessoais, as quais Salles (1998) entende que o relacionamento mantido entre os alunos e seus colegas de turma é fundamental nessa fase da vida, pois segundo pesquisas, a preferência dos alunos se resume em estar com os amigos. Isso também pode ser observado nas aulas de Educação Física, pois quando os alunos separam os grupos para a realização das atividades, nota-se que seu grupo de amigos se mantém no mesmo grupo.

O aspecto que trata do tipo de atividade dos programas escolares é comentado por Guedes e Guedes (1997), analisando o tipo de atividade e o nível de intensidade do esforço físico oferecido aos alunos durante as aulas de Educação Física Escolar, onde os mesmos concluíram que os programas apresentam limitada relação com os objetivos educacionais voltados à atividade física como meio de promoção de saúde e melhora de aptidão física.

Novamente, nos reportamos ao trabalho de Frey (2007) onde a autora registra que Lorenz e Tibeau (2003), após realizar um estudo com alunos de Ensino Médio de uma escola particular e de uma escola pública, relatam que tanto na escola particular quanto na escola pública, os alunos consideram as aulas de Educação Física apenas como uma atividade. Afirmam os autores citados por Frey (2007, p. 01) que os alunos frequentam as aulas apenas para a distração, descontração e lazer. Não a entendem enquanto uma disciplina curricular com finalidade educacional.

Desta forma, para Rangel-Betti (2003, p. 38), “O conteúdo da Educação Física não muda, está inserido no jogo, esporte, dança, ginástica e lutas. O que muda são as formas de concebê-lo e ensiná-lo; estas sim, quase não são conhecidas dos professores.” Nesse contexto, encontrar as formas de elaborar, organizar e ministrar estes conteúdos é o grande desafio apresentado aos responsáveis por orientar esta área do conhecimento, favorecendo o aprendizado e o crescimento do aluno.

4 ANALISE E RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Este trabalho caracteriza-se como sendo uma pesquisa qualitativa, com vistas a destacar o desencanto/desinteresse pelas aulas de Educação Física no Ensino Médio, a fim de elencar os motivos que levam alguns estudantes a desistir da prática esportiva ofertadas nas aulas, buscando alternativas para tornar o ensino de qualidade para todos, enfocando a relação entre professores, alunos e conteúdo.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizados os dados obtidos através de alguns autores que discorrem sobre o assunto, bem como a coleta de dados realizada através de questionários anônimos dirigidos aos alunos do Ensino Médio, matriculados em uma escola de um município da região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, que não participam regularmente das aulas de Educação Física.

A coleta para os dados da pesquisa utilizou como instrumentos um questionário misto composto de 16 (dezesesseis) questões fechadas e abertas, para 23 alunos do Ensino Médio, sendo que destes apenas 19 retornaram os questionários para análise.

O público alvo caracterizou-se por alunos que frequentam os 2º e 3º anos desta escola, cuja faixa etária se situa entre 15 e 18 anos. Dos alunos que responderam ao questionário, 68,43% são do sexo feminino e 31,57% do sexo masculino. Para preservar os nomes dos entrevistados, na citação das respostas obtidas foram usados símbolos para identificá-los, como sendo alunos x ou n. A análise será de conteúdo. Organizamos três grandes categorias para abrigar os dados: a Educação Física no Ensino Médio: estrutura e metodologia; Educação física no Ensino Médio: percepções e perspectivas e Aspectos da não participação nas aulas de Educação Física, que foram trabalhadas na sequência.

4.1 A Educação Física no Ensino Médio: estrutura e metodologia

Perante de uma probabilidade ampla de formação educativa através da Educação Física no Ensino Médio, esta pesquisa buscou identificar alguns aspectos específicos que se estabelecem na realidade do espaço escolar nesta área.

Em relação à estrutura para as aulas e a metodologia utilizada nas mesmas, sobre a disponibilidade de materiais e espaço físico utilizado para as práticas de atividades propostas pelos professores, bem como, os horários destinados para as mesmas.

Segundo Souza Lima (1998), todo espaço produzido pelo homem interfere no processo educativo de forma positiva ou negativa. O espaço ofertado para as aulas de Educação Física na grande maioria das escolas de Ensino Médio de nossa região, oferecem suporte necessário para prática esportiva.

Desta forma, em relação ao espaço físico destinado para a prática esportiva, podemos observar os resultados com percentual bem equilibrado, onde 52,63% consideram bom, enquanto 47,37% o consideram ruim. Podemos observar isso nas palavras de aluno X1 “Sim, pois tem espaço para todo mundo fazer a Educação Física, inclusive, o esporte que quiser praticar”. Já para o aluno X2 “Não, pois acho que deveria ter mais coisas, um exemplo, é as cestas para jogar basquete”.

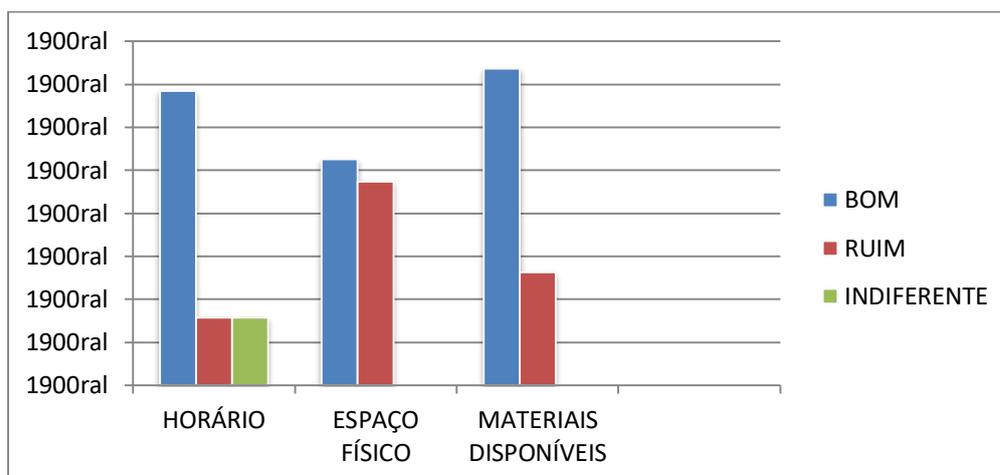
Ao falarmos de Educação Física Escolar não podemos deixar de falar de algo que tem prejudicado muito o andamento e o aproveitamento das aulas, é a falta de materiais pedagógicos disponíveis para prática esportiva. Muitas vezes, nós profissionais da área, necessitamos fazer milagres, pois faltam desde a bola até o espaço físico adequado. Alguns colegas acabam comprando o seu material para o bom andamento das aulas e oferecendo aos alunos momentos para que estes aproveitem o melhor possível da aula.

Em relação aos materiais disponíveis para as atividades propostas pelo professor, obtivemos resultados significativos nas respostas positivas, sendo que estas obtiveram um percentual de 73,69% dos alunos, e que apenas 26,31% não consideram o material adequado para tais práticas.

Porém, analisando os resultados acima, devemos levar em consideração que muitos destes jovens, talvez não saibam quanto material seria necessário para uma boa aula, pois se o professor tiver disponível uma bola de cada esporte é suficiente, sendo que como professor da área acredito que para se ter uma aula de qualidade, onde todos possam aprender e ter oportunidade de um melhor aprendizado, o ideal seria pelo menos uma bola para cada dois alunos matriculados.

Constatou-se, ainda, que a grande parte dos alunos considera os horários destinados para prática das atividades como satisfatórios, resultando num total de 68,44%. As respostas, principalmente oriundas dos entrevistados do sexo feminino, apontam que não gostam de permanecer em sala de aula após a prática, visto a sudorese ocasionada. O gráfico a seguir, nos mostra o resultado do contexto acima citado.

Gráfico 01 – Materiais, espaços e horários para a Educação Física



Fonte: AUTOR (2019).

Em relação aos conteúdos dos quais a disciplina de Educação Física Escolar deve abordar de forma pedagógica, a fim de atingir os objetivos propostos, podemos citar os jogos e brincadeiras, esportes, as danças, as lutas e a ginástica (COLETIVO DE AUTORES 1992).

Para Darido (2012, p. 56):

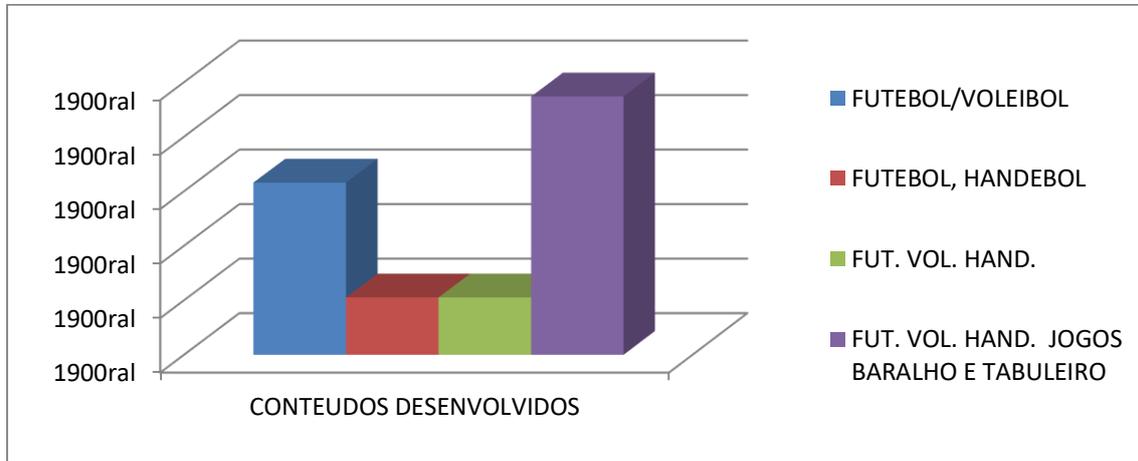
[...] diversificação e aprofundamento nos conteúdos acabam gerando ensejo para que outras disciplinas ou outros pilares sejam apreendidos, tornando a educação física um marco social e cultural, que pode utilizar das vivências e experiências simples a inclusão de outros saberes que tenham aplicabilidade na vida acadêmica, social e cultural dos educandos.

O que entendo como um grave problema a ser resolvido dentro da disciplina é uma proposta mais clara de sistematização dos conteúdos que devam ser trabalhados. Um professor de matemática, sabe que no sétimo ano, irá trabalhar operações de números inteiros por exemplo, diferente do professor de Educação Física, que elabora seu plano de trabalho de acordo com os materiais e estrutura física disponível. Além disso, segundo experiência própria, noto que muitos colegas não se preocupam com a qualidade de suas aulas, muitas vezes ficando propensos a não trabalharem conteúdo nenhum, pois sequer tentam buscar meios para encontrar a forma adequada de propor suas aulas.

Ao verificar quais os conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física, podemos constatar que 31,57% praticam futebol e voleibol, 10,52% alegam ter como conteúdos futebol e handebol, 10,52% dizem que os conteúdos trabalhados são futebol, voleibol e handebol, enquanto a grande maioria afirma que são vários os conteúdos desenvolvidos, citando entre

estes o futebol, voleibol, handebol, baralho e jogos de tabuleiro 47,38%. Estes dados estão dispostos no gráfico 02, a seguir.

Gráfico 02 - Conteúdos Desenvolvidos nas Aulas de Educação Física



Fonte: AUTOR (2019).

Percebe-se que as respostas dos alunos apontam, quase que exclusivamente, para os jogos esportivos, situação esta que é exposta pelos PCN's do Ensino Médio onde o documento relata:

Pensando na continuidade do que foi desenvolvido no Ensino Fundamental, podemos constatar uma forte inclinação ao trabalho com os esportes e, principalmente, a mesma metodologia de ensino – a execução de fundamentos, seguidas de vivências de situações de jogo. (BRASIL, 2000, p.33).

A utilização de conteúdos esportivistas no Ensino Médio, de modo geral, exige de seus praticantes o domínio de habilidades ou de formas de “jogar”, que são expostos aos olhares de todos os envolvidos nas aulas e, muitas vezes, estabelecidos como condição de participação nas mesmas pelos próprios profissionais da área. Essa condição inibe a participação de boa parte dos alunos e é analisada pelos PCN's que comentam:

Os alunos as frequentam, muitas vezes, de forma descompromissada com o que está sendo ensinado pela constatação de que não obtém a *performance* que desejam. Consequentemente, observa-se nessa fase uma visível evasão dos alunos das aulas, fator indesejável para todos os profissionais envolvidos, salientando o empobrecimento do trabalho do professor de Educação Física. (BRASIL, 2000, p. 33).

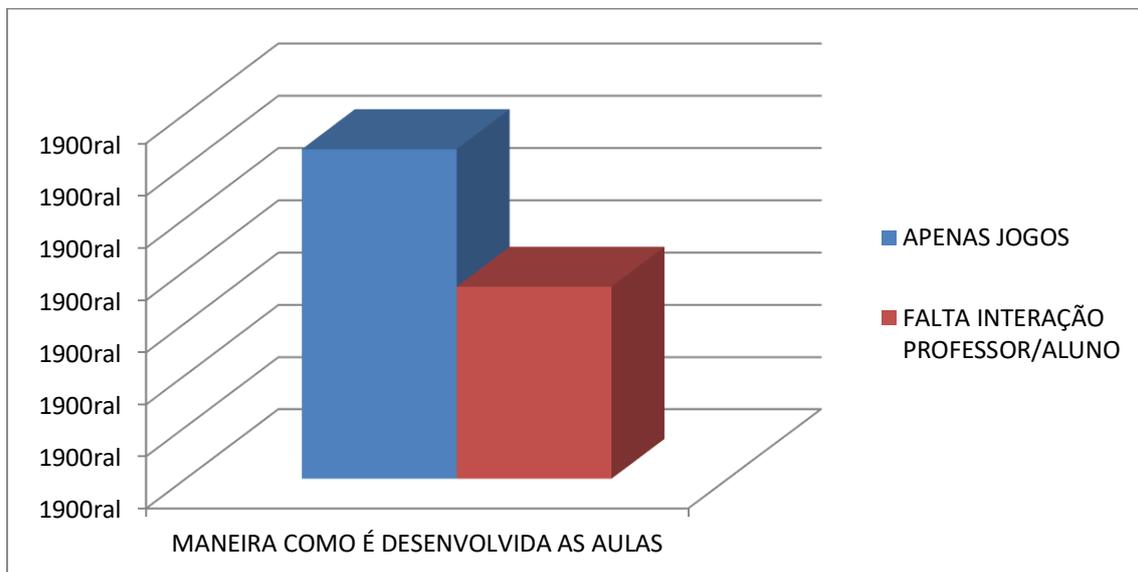
Também se constitui como objetivo deste trabalho verificar a forma (modo/maneira) como são desenvolvidas as aulas de Educação Física, na percepção dos entrevistados.

Neste sentido, Costa (1997) salienta que as aulas de Educação Física no Ensino Médio são quase sempre uma repetição das atividades desenvolvidas durante o Ensino Fundamental, ou seja, se resumem às práticas dos fundamentos e a execução dos gestos técnicos esportivos. Conforme já citado anteriormente, a Educação Física se restringe a essas práticas, não ofertando novas possibilidades. Isto não significa que devemos simplesmente extingui-las do contexto escolar, mas sim readequá-las.

Através do relato de N1 “Eu acho que os professores devem ensinar e estimular os alunos, e não simplesmente como todas as aulas que tive, apenas jogar bola”. Da mesma forma, podemos notar a falta de interação professor/aluno, bem como a falta de estímulo para novas atividades, conforme relata N2 “O professor deve melhorar bastante, só entrega alguns jogos para passar o tempo, não é algo que atraia a atenção”.

De acordo com estas falas, podemos observar que os alunos buscam algo novo, novas propostas de trabalho, novas vivências. Com base nestes dados chegamos a seguinte conclusão: 63,15% afirma que as aulas possuem apenas jogos, nada além, enquanto 36,85% acredita que falta interação professor/aluno, conforme mostra o quadro a seguir.

Gráfico 03 – Abordagens das Aulas de Educação Física



Fonte: AUTOR (2019).

Em relação a este gráfico, Frey (2007) contribui ao fazer referência a Kunz (1991) quando este expõe que as aulas devem ser desenvolvidas seguindo uma ordem de habilidades, partindo das mais simples para as mais complexas. O professor da disciplina em questão deve sempre problematizar a prática, avaliando as suas várias dimensões de aprendizagem, permitindo que todos seus alunos possam aprender e se desenvolver. Este deve saber distinguir

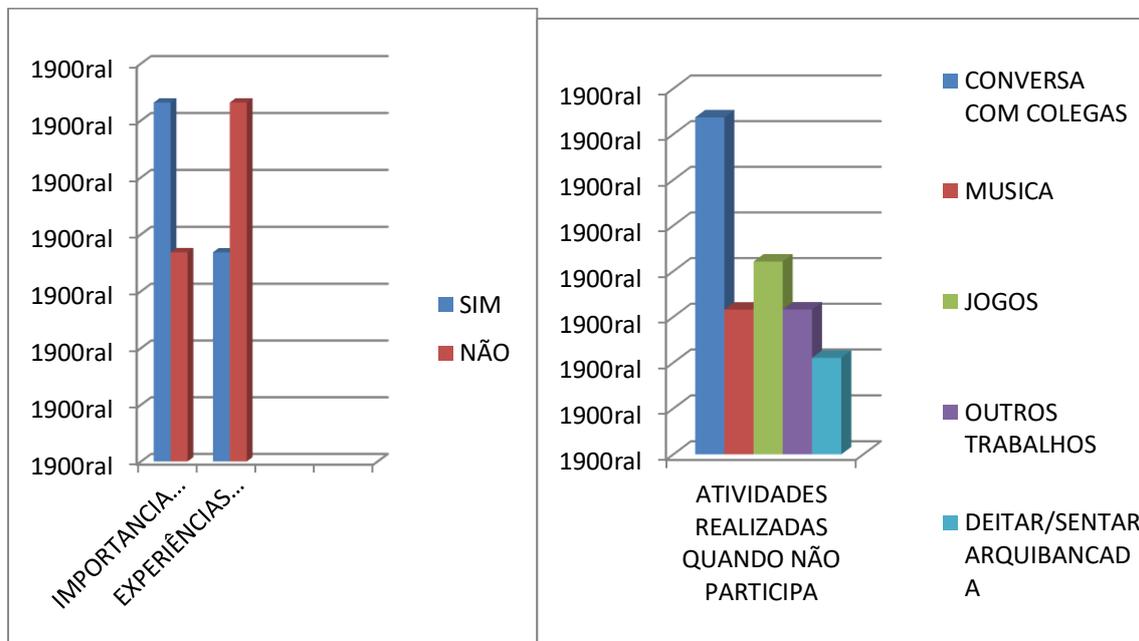
o competitivo do recreativo, compreender minimamente regras e estratégias e saber adaptá-las as diferentes situações enfrentadas diariamente no ambiente escolar.

Neste mesmo questionário, interessou-se saber sobre as experiências ofertadas nas aulas de Educação Física. Os resultados apontaram que 36,84% consideram essas experiências importantes conforme diz X1 “Além de melhorar o condicionamento físico, é legal trabalhar em equipe com meus colegas” e um número bem elevado, 63,16% consideram que não são importantes conforme relata X2 “As aulas são muito monótonas, sempre a mesma coisa”.

Esse relato aponta uma grande desmotivação para as aulas devido ao fato de não haver uma organização sequencial de conteúdos. Frey (2007, p. 01) registra esta questão, ao utilizar de Possebon e Cauduro (2001, p.131) para justificar os problemas da Educação Física no espaço escolar, nas seguintes palavras “[...] ainda não se conseguiu explicitar a importância deste componente curricular, uma vez que não há elaboração e hierarquização de seus objetivos.”

Procurou-se conhecer o que os estudantes costumam fazer durante o espaço das aulas, quando não estão praticando as atividades propostas pelo professor. Os mesmos descreveram várias respostas, dentre as quais podemos observar: conversar com os colegas, ler livros, escutar música, jogos de baralho/tabuleiro, fazer trabalhos de outra disciplina. Estes resultados podem ser vistos com maior clareza no gráfico a seguir.

Gráfico 04 – A Percepção das Experiências nas Aulas de Educação Física



Fonte: AUTOR (2019).

Infelizmente, ao analisarmos as falas dos alunos sobre a Educação Física e a esperada continuidade no Ensino Médio, de uma relação às experiências vividas pelos mesmos no Ensino

Fundamental, percebemos que tal fato não ocorre. Isso comprova a necessidade de inserção de temas pertinentes à Educação Física, que sejam atraentes para incentivar a prática nas mesmas, tal como sugerido nos PCN's (BRASIL, 2000, p. 34-35) na citação “Diversos autores enfatizam sobretudo a conquista da Aptidão Física e Saúde pelas crianças. Para os autores, a Educação Física, quanto componente curricular, tem “fabricado” expectadores e não praticantes de atividades físicas.”

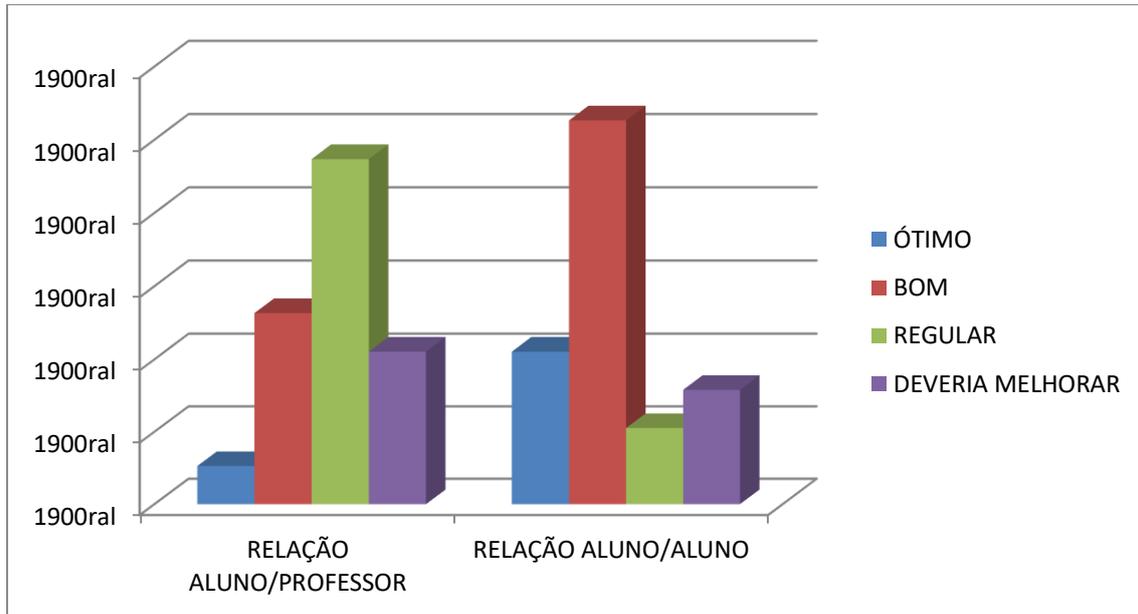
Mattos e Neira (2000) em seus estudos que focalizam a Educação Física na adolescência e suas possibilidades de construção do conhecimento na escola abordam sobre as experiências vivenciadas pelos mesmos nesta etapa de sua escolaridade. Os autores verificam que os alunos têm participado das aulas de Educação Física como forma de recreação, e não como atividade física proposta com o intuito de abranger os aspectos didáticos pedagógicos das aulas. Estas, geralmente não lhes causam interesse, pois são ministradas de forma inadequada, com práticas repetitivas, pouco atraentes e sem criatividade, muitas vezes sem um planejamento, ou até mesmo, priorizando apenas os mais habilidosos.

Segundo os autores, a compreensão da prática pedagógica pelos professores, bem como suas dificuldades, interesses e diferentes possibilidades de ensino podem contribuir para que, a partir de um retrato da realidade escolar, estes possam construir um planejamento de atividades que venham ao encontro dos interesses e necessidades dos alunos.

Para entender e explicar qual é a Educação Física que deve ser aplicada no Ensino Médio autores reforçam a ideia de serem trabalhados conteúdos inovadores em suas aulas e o quanto é importante que ocorra um planejamento participativo.

De acordo com o questionário, buscou-se saber, como era o relacionamento entre os entrevistados para com os professores da disciplina de Educação Física, bem como a relação com os demais colegas de classe. Após questionamento podemos observar que a relacionamento dos alunos com os professores da disciplina em questão, está abalado, visto que apenas 5,27% considera a relação ótima, 26,32% boa, 47,36% regular e 21,05% deveria melhorar. Conforme relata X3 “Ela não interage muito, não nos faz ficar empolgados com as aulas”. Nós educadores devemos estar buscando nos melhorar a cada aula, fazendo o possível para um melhor relacionamento junto a estes jovens, oportunizando que tenham abertura para opinar sobre o andamento das aulas, sobre como poderíamos reinventar os momentos de convivência, para que todos envolvidos no processo tenham maior motivação para frequentar as aulas. Neste mesmo questionamento, com relação aos demais colegas de classe, observou-se o seguinte resultado, ótimo 21,05%, bom, que obteve o maior percentual de 52,64%, regular, 10,52% e deveria melhorar 15,79, conforme podemos ver com maior clareza abaixo.

Gráfico 05 – O Relacionamento Interpessoal entre os Sujeito Envolvidos



Fonte: AUTOR (2019).

A essência do trabalho pedagógico está diretamente ligada à relação professor-aluno, pois a partir de uma relação empática com seus alunos, através do diálogo permanente que conseguiremos formar cidadãos conscientes de seus deveres e suas responsabilidades sociais. Podemos observar isto nas palavras de Freire (1996, p. 96) quando afirma que

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas imaginações, suas dúvidas, suas incertezas.

O verdadeiro papel do professor de Educação Física, é através de suas aulas, trazer o aluno para o meio em que está inserido, dando oportunidades para que estes possam opinar sobre as atividades propostas, é dar liberdade para que juntos construam maneiras e métodos mais atrativos, ocasionando um bem-estar a todos os envolvidos no processo.

4.2 Educação Física no Ensino Médio: percepções e perspectivas

Segundo Costa (1997, p. 47) a Educação Física Escolar deve ser considerada decisiva para a que a pessoa venha a praticar atividade física no futuro, bem como, do seu sucesso ou não nas aulas, nas atividades e nos esportes. As aulas de Educação Física na escola deveriam

oportunizar condições para que os alunos após o período formal de aulas, mantivessem uma prática de atividade regular, sem o auxílio de especialistas, se assim desejarem. Este objetivo só é possível se os alunos encontram prazer nas aulas de Educação Física, pois, gostando de determinada atividade é mais provável que estes irão dar uma continuidade no que lhes proporciona prazer.

Com relação ao questionamento sobre a importância da disciplina de Educação Física no currículo escolar, 63,15% dos entrevistados consideram que ela é de suma importância, pois conforme N1 “Ela é importante como qualquer outra matéria” e apenas 36,85% não a consideram importante, como relata N2 “Acho que para um vestibular, não ajudaria muito.”

Os alunos têm, na maioria das vezes, opinião formada sobre as aulas Educação Física, baseados em suas experiências pessoais anteriores. Se estas foram oportunizadas de forma prazerosa e marcadas por sucesso, estes terão, uma opinião favorável quanto a participar das aulas. Ao contrário, quando o aluno vivenciou várias situações de insucesso, e de alguma forma se excluiu ou foi excluído, sua alternativa será afastar-se das atividades ou a passividade perante estas (COSTA, 1997).

Diante destes posicionamentos, buscou-se identificar alguns fatores que levariam e também aqueles que não levam os entrevistados a participar das aulas de Educação Física. Dentre os fatores motivadores que levariam os alunos a participarem das aulas, os alunos indicam uma maior diversidade de jogos 47,37%, aulas teóricas 15,79% e atividades rítmicas 10,52%. Porém, alguns alunos alegam não haver fatores que os motivem a participar, representados por 26,32%.

As respostas obtidas em relação à importância dos conhecimentos desta área, bem como, das motivações para a participação nas atividades pedagógicas da mesma, apontam para a dificuldade da Educação Física em ofertar novos conhecimentos e, assim, possibilitar a relação teoria-prática.

Essa dificuldade remete ao uso de conteúdos recorrentes nas aulas de Educação Física, como observado anteriormente. Nesse sentido, os PCN's alertam que enquanto

[...] as demais áreas do estudo dedicam-se a aprofundar os conhecimentos dos alunos através de metodologias diversificadas, estudo do meio, exposição de vídeos, apreciação de obras de vários autores, leitura de textos, solução de problemas, discussão de assuntos atuais e concretos, as aulas do “mais atraente” dos componentes limita-se aos já conhecidos fundamentos do esporte e jogos. (BRASIL, 2000, p. 34).

A superação dessa dificuldade exige que as práticas sejam alicerçadas em teorias da área que fundamentem não apenas o desempenho em jogos, mas, que ofereçam um

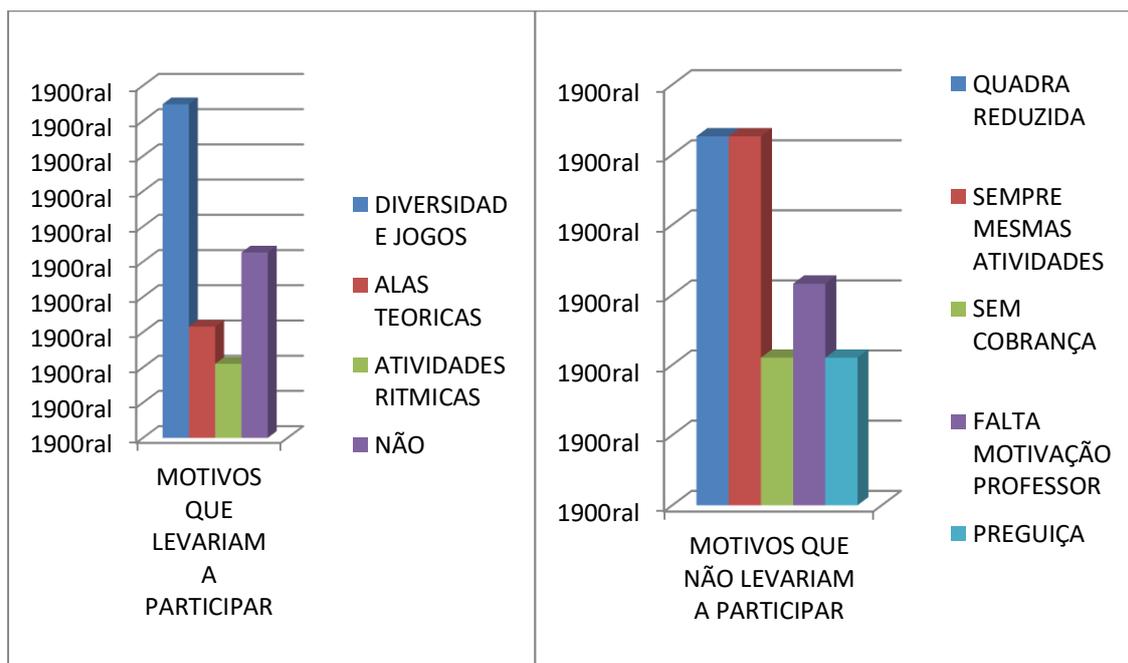
conhecimento que possibilite novas possibilidades de intervenções em relação ao corpo e suas formas culturais de manifestações. Nessa perspectiva, o professor deve ser o autor de sua metodologia e não mero reprodutor de outros pensadores, deve reconstruir e reinventar sua prática de forma autônoma e crítica, reconhecendo-se como peça fundamental para a efetivação do ambiente escolar.

Os alunos acabam se desmotivando em virtude de oportunizarmos aulas repetitivas e sem artifícios que os atraiam para aula. Devemos direcionar nossas aulas para conteúdo fora do esporte, ofertando práticas que incluam todos, através de jogos cooperativos, com isso não só os mais habilidosos participarão.

Nos últimos anos a motivação para frequentar o espaço escolar é uma questão que se apresenta como forte entrave ao processo educativo, incluindo todas as áreas do Ensino Médio e não apenas a disciplina de Educação Física.

Ao questionar a função desta área do conhecimento, buscou-se verificar quais os motivos que levam estes alunos a não participação nas aulas, de onde podemos citar como referência os seguintes resultados: sempre as mesmas atividades 26,32%, quadra reduzida 26,32%, aulas sem cobrança por parte do professor 10,52%, falta de motivação do professor em ministras as aulas 15,8%, preguiça por parte do entrevistado 10,52% e não tem um motivo em especial que o levaria a participar 10,52%. Os dados citados podem ser analisados com maior precisão nos gráficos a seguir.

Gráfico 06 – Motivações e Desmotivações para as aulas de Educação Física



Fonte: AUTOR (2019)

Conforme Balbé (2008) a Educação Física Escolar, deve oportunizar aulas interativas, criando nos alunos um estilo de vida saudável. O autor afirma que o profissional da área deve, através de atividades atrativas, seduzir seus alunos ao hábito da cultura corporal de movimentos, explicando e estimulando sobre a importância da prática regular esportiva.

Segundo Fulle (2005, p. 148), a infraestrutura, as condições ambientais, a atuação do professor demonstrando desinteresse nas aulas, a relação e atenção com os alunos, influenciam diretamente as aulas ministradas.

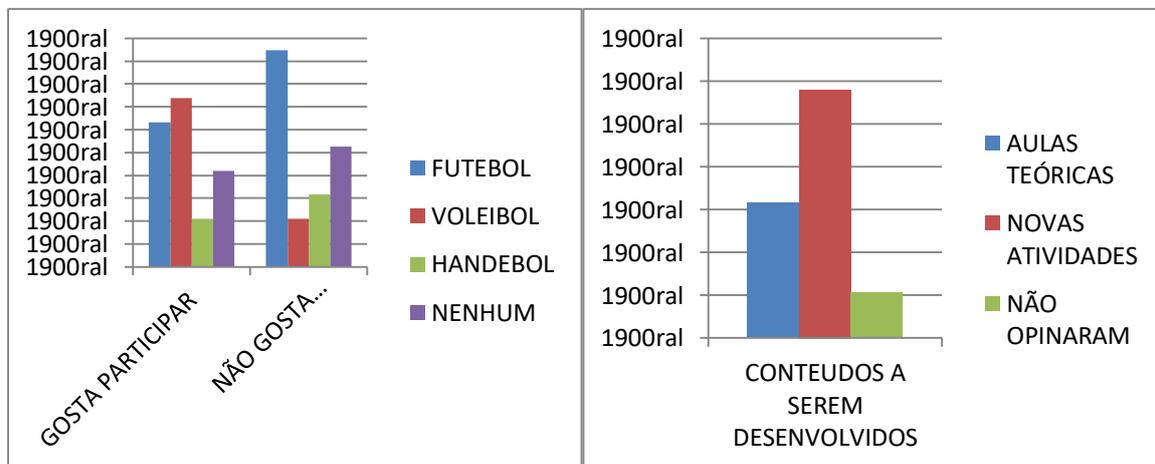
Atenta a essa questão, a LDB 9.694/96 buscou compor em sua redação oficial normatizações que possibilitassem às instituições educativas e seus personagens criar, modificar ou inserir meios para incentivar o interesse no processo de aprendizagem.

No contexto geral, as motivações e desmotivações apresentadas pelos alunos, na especificidade da Educação Física, se direcionam para os espaços escolares e a prática pedagógica do profissional da área. Nesse sentido, os PCNs ressaltam que:

A vida escolar foi bastante modificada pela nova Lei, dando abertura à iniciativa das escolas e à equipe pedagógica. O professor de Educação Física, nesse momento, passa a ser mais exigido quanto à sua qualificação e ao uso de seu conhecimento, principalmente, no que corresponde ao planejamento de atividades que venham ao encontro dos interesses e necessidades dos alunos. (BRASIL, 2000, p. 35).

Neste mesmo contexto, se procurou saber quais os conteúdos/atividades mais chamam a atenção dos participantes, bem como, aquelas que eles não gostam de participar e o que poderia ser desenvolvido em termos de conteúdo/atividades para que estes se motivassem a participar das aulas. Após recolhidos os questionários, chegou-se aos seguintes resultados, expressos no gráfico a seguir.

Gráfico 07 – Aspectos da Participação nas Atividades Propostas em Educação Física



Fonte: AUTOR (2019)

Conforme o gráfico acima, podemos afirmar que, 31,58 % dos alunos gostam de participar das atividades de futebol, 36,84% voleibol, 10,52% handebol, 21,05% não gostam de nenhuma das atividades/conteúdos sugeridos pelos professores da disciplina. Em relação às atividades/conteúdos que os alunos não gostam de participar, como grande vilão podemos apontar o futebol, que obteve um percentual de 47,38%, seguido de nenhuma atividade com 26,31%, handebol 15,79% e voleibol com 10,52%.

A Educação Física escolar está pautada no esporte. Podemos observar isto no que refere as Orientações Curriculares para o Ensino Médio.

O advento da esportivização proporcionou à Educação Física escolar alguns modelos de aulas que eram, sobretudo, cópias das tarefas de iniciação e treinamento esportivo. No caso do ensino médio, ficou configurada a existência de aulas pautadas em: a) ensino de gestos determinados pela performance de alguns atletas; b) fixação do gesto, assimilado pela repetição; c) aprimoramento técnico A hegemonia da esportivização, que ao longo da história desempenhou papéis distintos, muitas das vezes a serviço da indústria cultural tático; d) formação de equipes para competições. Ou seja, o objetivo era único: ser atleta em algum nível técnico possível em qualquer conteúdo da Educação Física. Em geral, o ensino de esportes aparecia em suas quatro modalidades mais conhecidas na escola: futebol, voleibol, basquetebol e handebol. (BRASIL, 2006, p. 231-232).

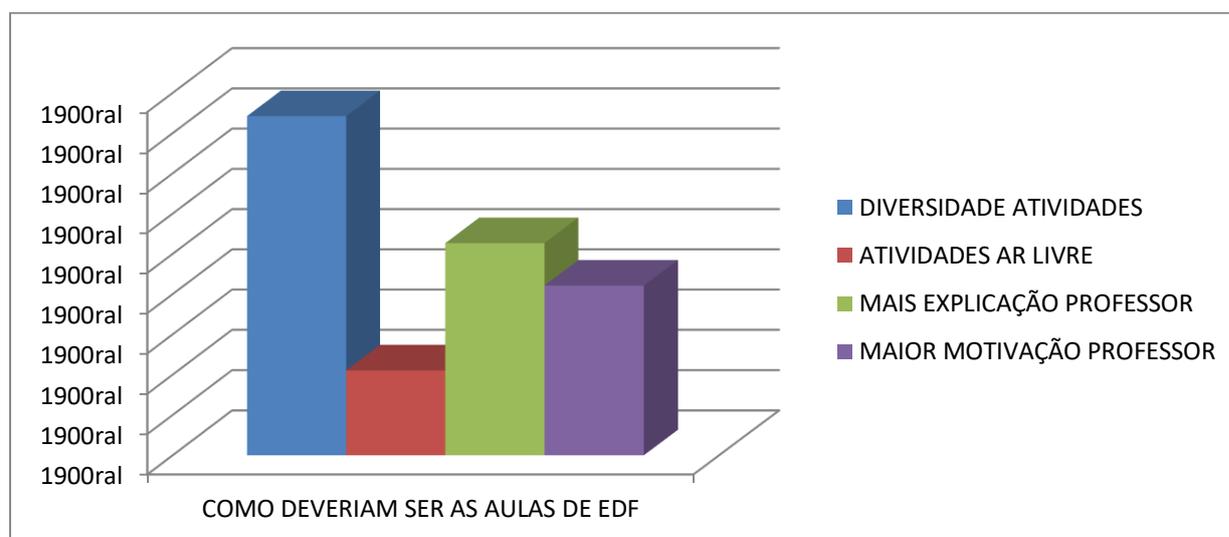
A Educação Física possui um diferencial de outras disciplinas que é poder articular seu ensino organizado em espaços e recursos públicos para a prática esportiva. Os alunos do Ensino Médio necessitam vivenciar o maior número de atividades, ampliando seus ensinamentos, fatores que podem auxiliá-los no processo de formação quanto cidadão.

Instigou-se os alunos para que estes apontassem as atividades ou conteúdos que os mesmos gostariam que fossem desenvolvidos nas aulas. Registra-se que existe um crescente pedido por novas atividades, com 57,9 %; logo em seguida aparecem aulas teóricas dos esportes aprendidos, com 31,57%, e uma pequena parcela de 10,52% dos entrevistados, que preferiram não opinar.

Da mesma forma, podemos perceber que os alunos, tem sede de aprendizagem, querem aprender várias modalidades no esporte, incluindo suas regras e técnicas, e quando se refere eles esperam ter uma preparação adequada antes da prática, além dos alongamentos, ou seja, podemos acrescentar o interesse pela alimentação adequada, o cuidado com a saúde antes de praticar algum esporte, aferição da pressão sanguínea, batimentos cardíaco, e assim por diante, pois antes de qualquer exercícios existem muitos procedimentos que podem ser ensinados aos alunos.

Já em relação às atividades que os entrevistados consideram importantes e que deveriam ser desenvolvidas nas aulas de Educação Física, chegou-se aos seguintes resultados: para 42,11% as aulas deveriam ter uma maior diversidade de atividades, 26,31% acredita que o professor deveria dar mais explicações das atividades trabalhadas, uma pequena parcela 21,05% afirma que o professor deveria ter mais motivação para desenvolver as aulas, enquanto somente 10,52% sugeriram aulas ao ar livre. Estes dados podem ser conferidos com maior clareza abaixo.

Gráfico 08 – Perspectivas com as aulas de Educação Física



Fonte: AUTOR (2019).

As perspectivas registradas indicam que a Educação Física precisa refletir as suas formas de abordagens e sobre as suas possibilidades de contribuições no processo educativo dos alunos, reavaliando seus objetivos, conteúdos e metodologias para adequá-los às pretensões expostas nas competências estabelecidas para esta área.

Os PCN's trazem essa reflexão ao abordarem o seguinte comentário:

A visão legal, quando confrontada com a realidade do ensino de Educação Física, apresenta-nos um paradoxo: a nossa prática pedagógica pouco tem contribuído para compensação dos fundamentos, para o desenvolvimento da habilidade de aprender ou sequer para a formação ética. Nesse sentido, uma vinculação das competências da área com os objetivos do Ensino Médio e a opção pela aproximação desses com o ensino de Educação Física parece-nos a "saída" para o impasse com o qual nos deparamos. (BRASIL, 2000, p. 33).

Tentar conhecer quais os reais interesses dos alunos e procurar alternativas que motivem e possibilitem a participação destes nas atividades propostas nas aulas, se apresentam como caminhos recomendados para solucionar alguns dos problemas enfrentados pela Educação Física no espaço do Ensino Médio.

Então, fica evidente a importância da opinião dos alunos no desenvolvimento do projeto pedagógico da aula de Educação Física como uma contribuição que possa alimentar e provocar as reflexões dos educadores dessa área diante da sua preocupação com o presente e o futuro destes alunos.

4.3 Aspectos da não participação nas aulas de Educação Física

Entre os autores que se preocupam com os aspectos que influenciam na não participação nas aulas de Educação Física é importante destacar a pesquisa realizada por Vianna et al. (2009, p. 01), onde os autores revelam que embora

[...] os Parâmetros Curriculares Nacionais coloquem como prioridade no ensino médio a formação geral dos educando, com o intuito de estimular a pesquisa, a busca, a análise e a seleção de informações, para que o indivíduo possa assumir uma postura ativa na prática das atividades físicas, pelo desenvolvimento de sua consciência quanto à importância de uma vida ativa e saudável no exercício pleno da cidadania – PCNs (Brasil, 2006), nos últimos anos, tem-se observado que o número de alunos que se desobrigam da frequência às aulas de Educação Física Escolar tem aumentado, caracterizando assim, um visível desinteresse pela disciplina.

Percebe-se então, que a não participação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio pode comprometer os propósitos educacionais da área, tendo em vista as perspectivas de aprendizado e o envolvimento dos alunos com o processo educativo.

Estruturar um programa de Educação Física ou de outra disciplina e selecionar os seus conteúdos é um problema metodológico básico, uma vez que, quando se aponta o conhecimento e os métodos para sua assimilação, se evidencia a natureza do pensamento teórico que se pretende desenvolver nos alunos.

Segundo Nahas (2001), frequentemente, percebe-se a falta de uma progressão lógica ou de uma sequência nas experiências escolares em termos de atividade física. Esta falta de planejamento adequado, incluindo procedimentos de avaliação nem sempre justificáveis, têm sido uma das vulnerabilidades nos programas de Educação Física.

Em relação ao fato do jogo como atividade predominante, Rangel-Betti (2003), comenta que os alunos preferem aprender os fundamentos das modalidades esportivas antes de aplicá-los em situações reais de jogo, do que simplesmente “pegar” a bola e jogar, tendo assim

a possibilidade de aprender e/ou aperfeiçoar movimentos novos para depois combiná-los e aplicá-los em situação real de jogo. No entanto, muitos professores ignoram esse fato e apresentam a característica de dar a bola aos alunos e deixá-los assumir as responsabilidades da aula, que caberiam a ele, como organizar e apresentar os fundamentos da modalidade.

No que tange à desmotivação para as aulas, segundo Darido (2004 apud FREY, 2007), uma das hipóteses possíveis para o número reduzido de aderentes à prática da atividade física pode residir nas experiências anteriores vivenciadas nas aulas regulares de Educação Física. Muitos alunos acabam não encontrando prazer e conhecimento nas aulas de Educação Física e se afastam da prática na idade adulta. O autor citado por Frey (2007) complementa que, atualmente entende-se a Educação Física na escola com uma área que trata da cultura corporal e que tem como finalidade introduzir e integrar o aluno nessa esfera, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e também transformá-la, tal como apontado nos PCN's. (BRASIL, 2000).

Paiano (1998) citado por Frey (2007) aponta como razão para essa desmotivação, o conflito de interesses gerado pela ênfase da competição que ocorre quando o professor assume a postura de técnico ou treinador, exige de seus alunos uma postura de atleta cobrando altos rendimentos, que muitas vezes são inadequados e não correspondem ao seu desenvolvimento motor e o objetivo da Educação Física Escolar, dessa forma fazendo com que os alunos percam a vontade de participar da aula, que ao invés de prazerosa passa a ser maçante e por isso desmotivante, pois enquanto para uns a aula de Educação Física é vista como competitividade, para outros é tida como uma forma de lazer e socialização.

Outro aspecto importante trata das formas de relacionamento pessoais, as quais Salles (1998), entende que o relacionamento mantido entre os alunos e seus colegas de turma é fundamental nessa fase da vida, pois segundo pesquisas, a preferência dos alunos se resume em estar com os amigos. Isso também pode ser observado nas aulas de Educação Física, pois quando os alunos separam os grupos para a realização das atividades, nota-se que seu grupo de amigos se mantém no mesmo grupo.

O aspecto que trata do tipo de atividade dos programas escolares é comentado por Guedes e Guedes (1997), analisando o tipo de atividade e o nível de intensidade do esforço físico oferecido aos alunos durante as aulas de Educação Física Escolar, onde os mesmos concluíram que os programas apresentam limitada relação com os objetivos educacionais voltados à atividade física como meio de promoção de saúde e melhora de aptidão física.

Novamente, nos reportamos ao trabalho de Frey (2007) onde a autora registra que Lorenz e Tibeau (2003), após realizar um estudo com alunos de ensino médio de uma escola

particular e de uma escola pública, relatam que tanto na escola particular quanto na escola pública, os alunos consideram as aulas de Educação Física apenas como uma atividade. Afirmam os autores citados por Frey (2007, p. 01) que os alunos frequentam as aulas apenas para a distração, descontração e lazer. Não a entendem enquanto uma disciplina curricular com finalidade educacional.

Desta forma, para Rangel-Betti (2003, p. 38), “O conteúdo da Educação Física não muda, está inserido no jogo, esporte, dança, ginástica e lutas. O que muda são as formas de concebê-lo e ensiná-lo; estas sim, quase não são conhecidas dos professores.” Nesse contexto, encontrar as formas de elaborar, organizar e ministrar estes conteúdos é o grande desafio apresentado aos responsáveis por orientar esta área do conhecimento, favorecendo o aprendizado e o crescimento do aluno.

Segundo Almeida (2007, p. 48) um fator que pode ser destacado como principal origem das dificuldades ou desinteresse na Educação Física escolar, são os conteúdos realizados nas aulas, principalmente relacionado aos esportes. Do mesmo modo, podemos citar as metodologias utilizadas pelos professores que privilegiam apenas o esporte durante as aulas, usando este de forma inadequada e costumeiramente no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, em que os alunos praticam as mesmas atividades, muitas vezes sem um planejamento adequado.

Com relação aos aspectos fisiológicos da fase adolescente, estes influenciam no desenvolvimento de alguns fatores psicológicos, que acabam por atrapalhar na participação desses alunos nas aulas, como a vergonha do corpo, principalmente nas meninas, justamente por haver uma maior exposição destes durante as aulas de Educação Física do que nas outras disciplinas, acarretando timidez e vergonha do próprio corpo perante os colegas. (DARIDO, 2004, p. 68)

Paula & Fylyk (2009) com relação à motivação desses, adolescentes, nas aulas, verifica-se que conduzir uma aula em que todos estejam satisfeitos, felizes e motivados é uma tarefa para poucos, uma vez que a motivação depende de uma série de fatores: internos e externos.

Stavisky e Cruz (2008), afirmam que na escola, as aulas de Educação Física nunca irão desagradar a todos ou mesmo desaparecer do currículo. A tendência é existir aqueles que gostam de participar das aulas e os que preferem não participar. Os autores complementam que: “conteúdos repetitivos” e “falta de compreensão dos alunos com os próprios colegas e professores” é um dos principais motivos que afastam os alunos das aulas, principalmente, os menos “habilidosos”.

CONCLUSÃO

De acordo com minhas experiências pessoais, durante o Ensino Fundamental, as aulas de Educação Física escolar são citadas quase que sem exceções por praticamente todos os alunos como a disciplina que mais gostam dentre as demais. Estas possibilitam uma integração social e afetiva tão grande e relevante entre todos. Também é nas aulas de Educação Física que os alunos convivem frente a frente com a realidade em que estamos inseridos, pois é nessa aula que os mesmos têm que aprender a respeitar as regras, saber vencer, saber perder, cumprir horários, respeitar companheiros e adversários, vencer seus próprios limites como o medo, vergonha, timidez. Lahey (2015), em sua obra, quando trata a respeito da relevância da prática de esportes para os jovens, considera uma experiência essencial e uma arena fecunda para aprendermos sobre fracassos e sobre como aceitá-los. “Os esportes deveriam ser uma atividade perfeita para experimentar os desapontamentos e os fracassos em um ambiente com apostas baixas, um espaço para fincar as bases necessárias para que nossas crianças se tornem adultos de caráter.” (LAHEY, 2015, p. 130). Podemos ratificar este pensamento nas palavras de Machado (1997, p. 175), onde este nos revela que a

[...] Educação Física, como práxis educativas que leva em consideração o desenvolvimento pessoal e a questão social, possui como objetivo a formação da personalidade do aluno através da atividade física trabalhando com o corpo e o movimento integrado do ser humano. Essa Educação Física atua nas camadas mais profundas da personalidade onde se formam os interesses e o pensamento.

Considerando a capacidade dos alunos do ensino médio em poder se apropriar e usufruir de uma quantidade maior de informações, bem como, a necessidade inerente a esta faixa etária de envolver-se com práticas corporais, recreativas ou esportivas não escolares e trazer estas experiências para o grupo onde convivem, acredita-se que seja tarefa da Educação Física no Ensino Médio garantir o acesso dos alunos às diversas práticas da cultura corporal de movimento, tendo o aluno convivido ou não com elas nas etapas anteriores de sua educação básica.

Na breve convivência com alunos nas aulas de Educação Física Escolar durante as atividades de estágio supervisionado, os adolescentes comentavam da importância dos conteúdos não serem pautados apenas nos jogos esportivos e nos exercícios físicos sem fins educativos. Esta observação revela a característica do estudante do Ensino Médio ser um sujeito

mais crítico e contestador, reivindicando uma Educação Física abrangente e que atenda aos interesses de diferentes alunos na formação de nível médio.

Ao concluir este trabalho, verificamos que os alunos do Ensino Médio gostam das aulas de Educação Física, mas não a consideram um componente curricular importante pelo fato de os mesmos não verem significado nas aulas de Educação Física, ou seja, ocorre a falta de contextualização dos conteúdos transmitidos com as expectativas e necessidades dos alunos, diante das possibilidades de melhoria da condição física, da saúde, da estética e do lazer para uma melhor qualidade de vida.

Desse modo podemos verificar que os alunos buscam um melhor proveito da disciplina, nesse caso González e Fensterseifer (2014, p. 67) destacam que

[...] uma aula supõe por parte do professor, um projeto de mediação daquele saber que pretende que os estudantes construam e/ou da capacidade que pretende que eles desenvolvam. O projeto de mediação manifesta-se na forma pela qual o professor, propicia que seus alunos se envolvam com o “objeto” de trabalho, na convicção que é a melhor forma possível, no contexto efetivo, para proporcionar condições para que a aprendizagem e/ou desenvolvimento venham a acontecer.

Como reforço às conclusões feitas ao término deste trabalho, faz-se necessário utilizar das considerações do estudo de Frey (2007, p. 01) que registram:

Então, fica evidente que a Educação Física necessita de modificações. Os objetivos, conteúdos dos programas e as metodologias precisam ser revistos e reformulados, a fim de valorizar a importância da disciplina dentro do ambiente escolar e ter um significado para os alunos.

Outro fator influente na não participação é o conteúdo repetitivo abordado nas aulas, pois o fato da Educação Física ser, na maioria das vezes, esportivizada (que utiliza como conteúdo somente o esporte) faz com que os alunos que não gostam de modalidades esportivas se sintam desmotivados a participar. Da mesma forma, quando se oferecem modalidades distintas para os grupos, como, por exemplo, aulas de vôlei para as meninas e futebol para os meninos. Dessa maneira, os alunos se sentem saturados e insatisfeitos sem a possibilidade de diversificar e experimentar outras vivências motoras.

Os profissionais da área além de desenvolver os esportes coletivos, a estes convém lembrar que devemos preparar da melhor forma possível, possibilitando que ele decida a importância das práticas corporais vivenciadas nas aulas. Neste sentido

Para que a cultura corporal de movimento se consolide como objeto de estudo da Educação Física, é preciso criar condições para que os alunos se apropriem, problematizem, experimentem e estudem as práticas corporais sistematizadas de modo que lhes seja permitido lidar de forma crítica e criativa com este conhecimento (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012, p. 77).

Depreende-se então, que essa mudança somente irá ocorrer a partir do momento em que nós, profissionais da área, elaborarmos e construirmos um currículo próprio para a disciplina, com objetivos bem estruturados e conteúdos significativos, que tenham como viés norteador o referencial teórico da Educação Física e também levem em conta as pesquisas e estudos que registram as percepções que os próprios alunos evidenciam sobre a realidade das aulas de Educação Física e os temas abordados nas mesmas. Tais impressões devem ser analisadas e refletidas possibilitando ao professor reestruturar o seu planejamento, atento às reais necessidades e perspectivas de seus alunos.

A questão é, como ficam os alunos ditos “não atletas”? Muitos optam em não participar das aulas alegando que não gostam de praticar esportes, ou recorrem as “parcerias” instituídas com clubes e academias, a fim de que possam obter a nota obrigatória nesta disciplina, esquecendo a importância da ação pedagógica que as aulas de Educação Física possuem na construção do conhecimento humano.

Ressaltamos que, para um desenvolvimento de programa de Educação Física, não basta somente o professor conhecer os tópicos de planejamento e segui-los, mas é preciso considerar também a importância do conhecimento dos problemas do aluno, de suas dificuldades, para posterior aplicação de conceitos motivacionais, que podem aperfeiçoar as oportunidades de aprendizagem e favorecer o desenvolvimento de atitudes positivas dos alunos sobre as práticas corporais.

É necessário que possamos ofertar uma aula de qualidade e que esta seja agradável e convidativa aos alunos, precisamos compreender os fatores que relacionam o processo de ensino desta disciplina e os que estão envolvidos neste. Contribuí com este pensamento Fensterseifer (2011 p. 4) ao afirmar que a qualidade de uma proposta de ensino “[...] depende da compreensão por parte dos atores, daquilo que estão fazendo, seja em seus aspectos éticos, políticos, seja nos aspectos epistêmicos. Os atores devem assumir responsabilidades e não serem reduzidos a executores.”

Muitos professores não têm a preocupação de motivar o aluno, por isso não planejam as aulas, não tem um objetivo ou finalidade determinada anteriormente para com as mesmas e limita-se a jogar a bola para que alunos joguem futebol ou aquilo que lhes der vontade. Essa conotação de mera prática esportiva ou como simples momento de recreação e lazer descaracterizado de uma prática pedagógica, não é o desejado pela Educação Física enquanto componente curricular. Podemos confirmar isto nas palavras de Machado et al. (2010, p.130), ao verem que um dos fenômenos que mais chamam a atenção no panorama atual da prática pedagógica em Educação Física nas nossas escolas é que muitos professores resumem sua ação

a observar os seus “[...] alunos na quadra enquanto eles realizam atividades que eles mesmos escolheram ou, então, aquelas que são possíveis em função do tipo de equipamento e material existente, quase sempre futebol ou futsal, queimada ou mesmo voleibol.”

No decorrer do estudo, a falta de percepção do professor para analisar os motivos da não participação, surge como mais um dos motivos que levam o afastamento das aulas de Educação Física. Frente a essa questão, sugere-se que o professor deve estar sempre atento ao comportamento dos alunos, conhecer seus interesses, verificar os motivos do seu afastamento das aulas e respeitar suas limitações, desenvolvendo cada vez mais a sua sensibilidade didática, de modo a despertar o interesse pelas atividades que venham a serem propostas, para atender o maior número de alunos possível.

Os professores que ministram aula no Ensino Médio têm que reconhecer e estabelecer que a Educação Física faz parte da educação como um todo, não sendo apenas considerado um componente curricular à parte do currículo, mas sim um componente curricular que tem a responsabilidade comum aos demais componentes, que é de proporcionar o desenvolvimento cognitivo, físico e psicossocial dos alunos.

Neste nível de ensino, os alunos conseguem diferenciar um professor qualificado e motivado, de outros professores que, mesmo com mais experiência e tempo de prática, encontram-se sem motivação, não percebendo a necessidade de refletir, pesquisar e elaborar novos planos de aulas, as quais acabam repetindo as atividades no decorrer das aulas realizadas.

Devemos nos apoderar das tecnologias existentes, pois este campo tem provocado perspectivas e possibilidades significativas nos jovens, visto sua ampla acessibilidade e forma de interação. Segundo Gonzalez; Fraga (2012, p.15), as tecnologias da informação e comunicação (TIC's) são hoje parte da realidade de quase todos e precisamos incorporá-las como instrumento educativo que nos aproximem das novas gerações.

Para Nogaro e Cerutti (2016), diante das mudanças constantes no mundo complexo da cibercultura, e do fácil acesso da informação nos mais variados lugares, o papel do professor precisa ser reinventado e refletido para que haja sintonia entre ele e os alunos num mundo cada vez mais afetado pelas tecnologias. Conforme observam os autores, “[...] as TICs têm uma potencialidade de dinamizar o trabalho em sala de aula se o professor as agregar ao conceito de aula enquanto sistemática de pesquisa” (2016, p.79). Porém, precisamos identificar que existe uma grande diferença de perfis entre os professores atuais e os estudantes do ensino básico, visto que estes, em sua maioria já nasceram conectados e fazem uso diário de ferramentas digitais. Desta forma, é preciso que os professores estejam bem preparados e busquem aprender

a usar as ferramentas disponíveis, transformando-as em suas aliadas no processo ensino-aprendizagem.

Este posicionamento dos alunos se estabelece como uma crítica construtiva ao fazer pedagógico na Educação Física, pois os mesmos reivindicam uma mudança de comportamento e metodologia dos professores através da reflexão e reorganização deste componente curricular, buscando um maior crescimento pessoal e social através do mesmo. Caso contrário, os alunos podem apresentar desmotivação não só nas aulas de Educação Física escolar, mas também um desinteresse pelas demais práticas corporais fora de ambiente escolar, o que refletiria na sua saúde e qualidade de vida pelo resto de suas vidas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Pedro Celso de; CAUDURO, Maria Teresa. O desinteresse pela Educação Física no ensino médio. **Efdeportes**, Revista Digital, Buenos Aires, ano 11, nº 106, março de 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd106/o-desinteresse-pela-educacao-fisica-no-ensino-medio.htm>. Acesso em: 05 de Set. 2016.

_____. O Desinteresse pela Educação Física no Ensino Médio. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, ano 11, n 106, mar. 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd106/o-desinteresse-pela-educacao-fisica-no-ensino-medio.htm> acesso em: 09 de dezembro de 2018.

ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 77, 1991.

ANASTASIOU, L.; ALVES, L. P. (Orgs.) **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em sala**. Joinville: Univille, 2003.

AZEVEDO, A. C. B. de; MALINA, A. Memória do Currículo de Formação Profissional em Educação Física no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 2, jan. 2004.

BALBÉ, Giovane Pereira. Educação Física escolar: aspectos motivadores. **Revista Digital - Buenos Aires**, año 13, nº 124, Setembro de 2008

BARBARÁN, G. M. C. (1999) - **Indicadores de desempenho para avaliação do desenvolvimento de projetos nas indústrias de software**. 1999. Dissertação (Mestrado) – Escola Politécnica, USP, São Paulo.

BARROS, J.M.C. Educação Física no 1º e 2º grau: um estudo da natureza e conteúdo dos programas. **Revista Kinesis** 9, Santa Maria, p. 97-106, 1992.

BARROW, H.M. **O homem e seu movimento: princípios desta educação**. Philadelphia, Lea e Febirger, 1971.

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991

BETTI, M.; LIZ, Marlene. Educação Física escolar: a perspectiva das alunas de Ensino Fundamental. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 9, n.3, p.135-142, 2003.

BETTI, M; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação Física Escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo: Editora Mackenzie. Ano 1, nº1, p. 73-81, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento Nacional de Educação. Divisão de Educação Física. **Bases científicas da educação física** (Contribuição ao Método Nacional de Educação Física). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944a

_____. LEI No 4.024, de 20 de Dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Brasília, 1961.

_____. LEI Nº 10.793, de 1º de Dezembro de 2003. Altera a redação do art. 26, § 3º, e do art. 92 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que "estabelece as diretrizes e bases da educação nacional", e dá outras providências. Brasília, 1996.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1997.

_____. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. 3. ed. Brasília, 2000.

_____. **Parecer CNE/CES n. 0058, de 18/02/2004: Institui as diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em educação física, em nível superior de graduação plena**. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação, Brasília: 2004;

_____. **Secretaria de Educação Básica**. Orientações curriculares para o ensino médio: volume 1 – Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: ME/SEB, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em: 12 dez. 2018.

BROTO, F. O. **Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar**. São Paulo: Cepeusp, 1995.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1994.

CASTILHO, Euclides Ayres de; KALIL, Jorge. Ética e pesquisa médica: princípios, diretrizes e regulamentações. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, Uberaba, MG, v.38, n.4, p.344-347, jul./ago., 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsbmt/v38n4/a13v38n4.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2017.

CHICATI, K.C. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.11, n.1, p.97- 105, 2000.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e sociais**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2001;

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Editores Associados, 2º Edição, 2009.

COSTA, A. C. **Psicopedagogia e psicomotricidade: pontos de intersecção nas dificuldades de aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 2002

COSTA, C.M. Educação física diversificada, uma proposta de participação. In: **Seminário de Educação Física escolar**, 4., São Paulo, 1997. Anais... São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte, 1997. p. 47.

CRUZ DE OLIVEIRA, Rogério. **Na “periferia” da quadra - Educação Física, cultura e sociabilidade na escola.** 2010. 201 f. Tese (Doutorado em Educação Física). Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2010.

DAOLIO, J. **Da Cultura do corpo.** Campinas: Papirus, 1996

_____. **Educação Física e o conceito de cultura.** Campinas: Autores Associados, 2004;

DARIDO, Suraya C.; GALVÃO, Zenaide; FERREIRA, Lílian Ap; FIORIN Giovanna. Educação Física no Ensino Médio: reflexões e ações. **Revista Motriz.** Rio Claro, v.5. n.2, p.138-145, 1999.

_____. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não participantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes.** São Paulo, v.18, n.1, p.61-80, 2004.

_____. **Educação Física Escolar – Questões e Reflexões.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

_____. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de formação:** formação de professores didática geral. Vol. 16, p. 51 - 75. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

Disponível em: <
<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41549/1/01d19t03.pdf> > acesso em:
16 de dezembro de 2018.

DARIDO, S. C.; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na escola:** implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DEMO, P. **Educar pela Pesquisa.** 6ª Ed. São Paulo: Autores Associados, 2003.

FENSTERSEIFER, P, E. SILVA, M, A da. Ensaio o “novo” em Educação Física Escolar: a perspectiva de seus atores. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte,** Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 119-134, 2011.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo.** 3ª Ed. Brasília: Liber Livro, 2008.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro:** teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1989.

FREITAS, M. C. (10 de 01 de 2008). **Abordagens Pedagógicas no Ensino da Educação Física após 1970.** Disponível em: diaadiaeducacao:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2148-6.pdf> Acesso em: 19 de 10 de 2018.

FREY CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil:** a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1998.

FULLE, Alexandra, et al. Modelos de ensino, nível de satisfação e fatores motivacionais presentes nas aulas de educação física. **R. da Educação Física/UEM**. Maringá, vol. 16, nº 2, p. 145-154, 2005.

GAMBOA, Sílvio Sánchez. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. Chapecó: Argos, 2007, (2012).

GARCIA, Lenise Aparecida Martins Garcia. Competências e Habilidades: você sabe lidar com isso? **Educação e Ciência On-line**, Brasília: Universidade de Brasília. Disponível em: <http://www.educacao.es.gov.br/download/roteiro1_competenciasehabilidades.pdf> Acesso em: 12 novembro 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007 (2010).

GÓIS JÚNIOR, E.; LOVISOLO, H. R. Descontinuidades e continuidades do Movimento Higienista no Brasil do Século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n.1, p. 41- 54, set. 2003.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário crítico de educação física**. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2014. 680p. (Coleção de Educação Física).

GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. S. V. **Afazer da educação física escolar: planejar, ensinar e partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.

GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. Subsídios para implementação de programas direcionados à promoção da saúde através da Educação Física Escolar. **Revista da Associação de Professores de Educação Física de Londrina**, Londrina, v. 8, n.15 p. 3-11,1993.

_____. Características dos programas de educação física escolar. **Revista paulista de educação física**. São Paulo, v. 11, n. 1, 1997.

HAMZE, Amélia. **Escola Nova e o Movimento de Renovação do Ensino**. Disponível em: educador.brasilecola: https://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao_educacional/escola-nova.htm Acesso em: 04 de 11 de 2018.

HOPPEN, Norberto; LAPOINTE, Liette; MOREAU, Eliane. Um guia para a Avaliação de Artigos de Pesquisa em Sistemas de Informação. **REAd**, Porto Alegre, RS, v.2, n.2, p. 1-34, nov. 1996. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19397/000300124.pdf?sequence=1>> Acesso em: 1 out. 2017.

JACO, Juliana Fagundes. **Educação física escolar e gênero: diferentes maneiras de participar das aulas**. 2012. 114 f. Dissertação (mestrado)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

KUNZ, Elenor. **Educação Física Ensino e Mudanças**. Rio Grande do Sul: Unijuí Editora, 1991.

_____. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 1998.

LAHEY, Jessica. **Pais superprotetores, filhos bananas: o que podemos fazer para não criar uma geração insegura**. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2015.

LARA, L. M.; RINALDI, I. P. B.; MONTENEGRO, J.; SERON, T. D. A dança e ginástica nas abordagens metodológicas da educação física escolar. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, jan., 2007, p. 155-170.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual da metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LORENZ, Camila e TIBEAU, Cynthia. Educação Física no Ensino Médio: estudo exploratório sobre os conteúdos teóricos. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 9, n. 66, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte: temas emergentes I**. São Paulo: Ápice, 1997.

MACHADO, T. S. et al. **As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar**. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n.2, p. 129-147, abr./jun. 2010.

MARIZ de OLIVEIRA, José Guilmar. Construindo Castelos de Areia. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, 5(1/2): 5-11 jan/dez. 1991.

MATTOS, M. G. & NEIRA, M. G. **Educação Física na Adolescência: construindo o conhecimento na escola**. São Paulo: Phorte Editora, 2000.

MINAYO, M C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NAHAS, M. V. Educação Física no ensino médio: educação para um estilo de vida ativo no terceiro milênio. In: **Seminário de Educação Física Escolar/ Escola de Educação Física e Esporte**, IV. Anais. 1997.

_____. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para m estilo de vida ativo**. 2ed. Londrina, Midiograf, 2001.

NOGARO, Arnaldo; CERUTTI, Elisabete. **As TICs nos labirintos da prática educativa**. Curitiba: Editora CRV, 2016.

PAIANO, Ronê. **Ser... ou não fazer:** o desprazer dos alunos nas aulas de Educação Física e as perspectivas de reorientação da prática pedagógica do docente. Dissertação de mestrado em Educação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 1998.

PAULA, M. V.; FYLYK, E. T. **Educação física no ensino médio:** fatores psicológicos. Artigo PUC-PR. Disponível em: <http://www.ensino.eb.br/portaledu/conteudo/artigo8323.pdf>, Acesso em: 09 dezembro de 2018.

PEREIRA, M. G. (15 de 3 de 2006). **A Motivação de Adolescentes para uma Prática de Educação Física.** Disponível em: [usjt.br](http://www.usjt.br): https://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/018.pdf Acesso em 28 de 09 de 2018.

PICCOLO, Vilma. **Educação Física escolar:** ser... ou não ter? Campinas: Editora Unicamp, 1995.

POSSEBON, Mônica e CAUDURO, Maria Teresa. Educação Física no Ensino Médio: o lado oculto das dispensas. **Revista Kinesis.** Santa Maria, n.25, p.130-146, 2001.

RANGEL-BETTI, Irene Conceição. Educação Física escolar: a preparação discente. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** Campinas: 16 (3): 158-167 Maio/1995.

RODRIGUES, Maria. **Manual teórico prático de educação física infantil.** 8ª. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Ícone, 2003.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia:** Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

_____. **Escola e democracia.** São Paulo, Autores Associados/Cortez, 1991.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 3. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2001. Disponível em: <http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edicao.pdf>. Acesso em: 15 set. 2011.

SOARES, C. L. Educação Física – Raízes Europeias e Brasil. 2ª ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOLER, Reinaldo. **Jogos Cooperativos.** 3 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

TANI, G, et al. **Educação Física escolar:** fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EDUSP, 1988.

SOUZA LIMA, M. W. Espaços Educativos: usos e construções. Brasília, MEC, 1998.

STAVISKY, G.; Cruz, W. M. Aspectos motivadores e desmotivadores e a atratividade das Aulas de Educação Física na Percepção de Alunos e Alunas. **EFDeportes.com**, Revista

Digital. Buenos Aires, Ano 13, n. 119, abr. 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd119/aspectos-motivadores-e-desmotivadores-das-aulas-de-educacao-fisica.htm> Acesso em: 09 de dezembro de 2018.

TUBINO, M.J.G. **O Esporte no Brasil** – do período colonial aos nossos dias. São Paulo: Ibrasa, 1997.

VAGO, Tarcísio Mauro. **O “esporte na escola” e o “esporte da escola”**: da negação radical para uma relação de tensão permanente. Revista Movimento, 1996.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**. Como. Ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: ArtMed, 2010.